

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Luiz Carlos Susin: Resiliência e Fé

PÁGINA 10 | Martin Dreher: A morte foi privatizada

PÁGINA 13 | Stefan Vanistendael: Resiliência e a dinâmica da vida em busca da plenitude

PÁGINA 15 | Sofia Cristina Dreher: A luz da morte ilumina aquilo que é essencial

PÁGINA 17 | Laura Yoffe: Como lidar com a morte? A ajuda das crenças e das práticas religiosas

PÁGINA 21 | Maria Helena Franco: A importância do luto

PÁGINA 22 | Fábio Steyer: Lidar com a morte, manipulando nossos mecanismos de memória

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 26 | Paulo Sandroni: A recessão é inevitável

» Entrevista da Semana

PÁGINA 29 | Karl-Josef Kuschel: “A Fundação Ética Mundial está chegando na hora certa ao Brasil”

» Invenção

PÁGINA 31 | Fabrício Marques

» Destaques On-Line

PÁGINA 35 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 39 | Ricardo Willy Rieth: As contribuições de Lutero para a economia, a ética e a sociedade

» Perfil Popular

PÁGINA 42 | Danilo Caetano

» IHU Repórter

PÁGINA 43 | Jackson Junges



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Resiliência e Fé

O conceito de resiliência provém de analogia com resiliência dos materiais, esclarece o teólogo Luiz Carlos Susin. Para ele, o “trabalho de luto” é importante e faz com que o ser humano supere, aos poucos, a dor da morte

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** resiliência supõe a esperança de conseguir um bem através do sofrimento, da solidão, dos processos de perda e crise. A resiliência humana provém de analogia com a resiliência dos materiais que acumulam força enquanto são pressionados e ‘entortados’, podendo reagir com mais energia depois”, explica o teólogo Luiz Carlos Susin na entrevista exclusiva, que você confere a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele continua: “No caso da morte, que, segundo a descrição fenomenológica de Heidegger, é a ‘possibilidade de toda impossibilidade’, somente a fé e a esperança depositadas ‘em outro’, fora de si mesmo, é ainda resiliência. Portanto, afirmar a ‘resiliência da fé’ é afirmar que esta transformação da morte em vida só pode vir de outro, de alguém mais forte do que a morte”. Susin analisa, também, a dificuldade que o ser humano tem em aceitar a morte e suas dores, e destaca a importância do “trabalho de luto”, que traz consigo uma superação que não é nem instantânea, nem automática.

Susin é graduado em Teologia, pela Universidade de Ijuí (Unijuí) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Cursou mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG), Itália, com a dissertação *A subjetividade e alteridade em Emmanuel Lévinas*, e a tese *O homem messiânico em Emmanuel Lévinas*. Leciona na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre. É autor de inúmeras obras, entre as quais citamos *O homem messiânico no pensamento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EST/Vozes, 1984) e *Teologia para outro mundo possível* (São Paulo: Paulinas, 2006). É também um dos organizadores de *Éticas em diálogo: Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003).

IHU On-Line - É possível nos prepararmos para a experiência da morte? Como?

Luiz Carlos Susin - A preparação de uma “boa morte” foi conhecida no final da Idade Média¹ e no início da Idade Moderna como *Ars Moriendi*, ou seja, “Arte do dever de morrer”, mas traduzida normalmente por “Arte de bem morrer”. Supõe a aceitação da nossa essencial

¹ **Idade Média**: também conhecida como Idade Medieval. Inicia com a desintegração do Império Romano do Ocidente (no século V, em 476 d. C.) e termina com o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, em 1453 d. C. Sobre o tema, confira a edição 198 da revista *IHU On-Line*, de 02-10-2006, intitulada *Idade Média*. (Nota da *IHU On-Line*)

mortalidade, aceitação da aproximação da morte e a melhor forma de acolher a morte. Embora a morte seja um mistério que escapa a qualquer preparação que domine a morte, há exemplos de boa preparação na tradição cristã, como São Francisco de Assis² e Santa Teresa de Ávila.³ Na tradição filosófica, o

² **São Francisco de Assis** (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis, confira a edição 238 da *IHU On-Line*, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Teresa de Ávila** (1515-1582): religiosa car-

grande exemplo é sempre Sócrates.⁴ O

melita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros, citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A santa apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz. Também confira as *Obras completas* (São Paulo: Vozes, 1995). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Sócrates** (470 a. C.-399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da

“A maior dificuldade está na essência mesma da morte: a finitude humana, a finitude do que há de mais belo e do único mundo que conhecemos, sobretudo dos laços de amor que nos unem às pessoas queridas neste mundo”

teólogo biblista Oscar Culmann⁵ comparou a forma de acolhimento da morte por parte de Sócrates com a de Jesus, o que é perturbador num primeiro momento: Sócrates se despedia de um mundo de peso e sombra e acreditava entrar no verdadeiro mundo da harmonia e da verdade, enquanto Jesus se angustiou, seu sangue, teve de superar com muita dor a si mesmo para aceitar a obscuridade da morte. Sócrates velou o rosto para que nem as contrações do veneno manchassem a sua boa forma de morrer, enquanto Jesus é publicamente exposto com o corpo inteiramente dilacerado. Há dois ensinamentos praticamente opostos nisso. O primeiro é que Jesus é o Cordeiro de Deus que carrega e lava o pecado do mundo. O segundo trata da fé cristã.

IHU On-Line - Que relações são possíveis traçar entre morte e resiliência?

Luiz Carlos Susin - A resiliência supõe a esperança de conseguir um bem através do sofrimento, da solidão, dos processos de perda e crise. A resiliência humana provém de analogia com

tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Oscar Culmann (1902-1999): teólogo luterano, conhecido por seu trabalho junto ao movimento ecumênico, responsável em parte pelo estabelecimento de diálogo entre luteranos e católicos. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Resiliência:** capacidade de resistir a situações adversas, como choques, estresse e outros. A psicologia tomou emprestada essa imagem para explicar a capacidade de lidar com problemas, superá-los e até se deixar transformar por adversidades. Sobre esse tema, confira a revista IHU On-Line nº 241, de 29-10-2007, intitulada *Resiliência. Elo e sentido*. (Nota da IHU On-Line)

a resiliência dos materiais que acumulam força enquanto são pressionados e “entortados”, podendo reagir com mais energia depois. No caso da morte, que, segundo a descrição fenomenológica de Heidegger,⁷ é a “possibilidade de toda impossibilidade”, somente a fé e a esperança depositadas “em outro”, fora de si mesmo, são ainda resiliência. Portanto, afirmar a “resiliência da fé” é afirmar que esta transformação da morte em vida só pode vir de outro, de alguém mais forte do que a morte.

IHU On-Line - Qual a importância da fé no processo de resiliência em função do sofrimento diante da morte?

Luiz Carlos Susin - A fé não é uma garantia, uma certeza que se possui, como se nós fôssemos “donos da fé”. É antes um ato de confiança, uma entrega e um abandono nas mãos de quem julgamos ser digno de nossa entrega. É somente isso o que se pode no sofrimento que nos coloca na vizinhança da morte e no ato mesmo de morrer. Como dizem bem as línguas clássicas, “mor-

⁷ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). Confira, ainda, o nº 12 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

rer” é um ato “passivo”, conjugado na forma passiva. Por isso, as imagens clássicas também fazem uma analogia entre a morte e uma pessoa que chega, uma visita, um ladrão, uma “senhora” que reina e domina: ela é quem dá o salto mortal e nos assalta e nos rouba de nós mesmos, dos outros e do nosso mundo. Nessa passividade inelutável, no entanto, a entrega é o ato supremo da fé. É também a prova suprema da fé. A resiliência, nesse caso, vem de outro, vem de fora, vem do socorro da presença de alguém mais forte do que a morte, sobre o qual Paulo⁸ diz com todas as palavras na carta aos romanos: Senhor dos vivos e dos mortos.

IHU On-Line - Quais as maiores dificuldades para superar a dor da morte?

Luiz Carlos Susin - Tanto quem está morrendo como quem tem laços com quem morre precisam superar a dor através de um processo que chamamos “trabalho de luto”. Esta superação não é instantânea e nem automática. Comumente se descreve o processo com quatro ou cinco etapas, mas passa-se de uma para outra através de uma elaboração em que é necessário trabalho, decisão, superação de si mesmo. Passa-se da negação à negociação, da negociação à revolta, da revolta à resignação e da resignação à criatividade extrema. É um doloroso percurso, mas chega a um final integrativo. A maior dificuldade está na essência mesma

⁸ **Paulo de Tarso** (3-66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso, a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

da morte: a finitude humana, a finitude do que há de mais belo e do único mundo que conhecemos, sobretudo dos laços de amor que nos unem às pessoas queridas neste mundo.

IHU On-Line - Começamos a morrer desde que nascemos. Por que a maioria de nós não consegue admitir o inevitável?

Luiz Carlos Susin - Freud⁹ ajuda a explicar: quando nascemos, não sabemos absolutamente a respeito de nossa mortalidade nem de nossos limites. E, por isso, somos narcisistas e onipotentes por nascimento: a morte não existe e podemos tudo. Vamos ter de aprender o contrário através do tempo, dos próprios sofrimentos, das transgressões e suas conseqüências. Admitir a morte teoricamente é relativamente fácil, mas integrar esta aceitação existencialmente somente será possível quando ela se aproximar. Aí saberemos o quanto aceitamos a morte, ou não. De certa forma, é também próprio do ser humano não ser apenas “ser-para-a-morte”, expressão famosa de Heidegger, mas também “ser-contra-a-morte”, como nos ensinou Lévinas¹⁰ em contraposição a Heidegger.

⁹ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006, o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se des-cobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito.

“Nós confiamos no mistério divino, que é maior do que o mistério do mal, e confiamos na comunhão onde os laços não se perdem com a morte”

Lévinas experimentou a luta contra a morte em campo de prisioneiros durante a II Guerra Mundial. Lembra os dramas de Shakespeare,¹¹ que volta ao tema: mesmo sabendo-se derrotado, caído da muralha, sozinho e desarmado diante do exército da morte, em perfeita “a-gonia”, ou seja, sem amparos, não se desiste de lutar, até mesmo no mais plácido leito de morte. Há uma batalha, há uma vitória certa da morte. No entanto, aspiramos viver porque também fomos feitos para a vida eterna, que não está em nós por natureza. Mas esse desejo não é uma patologia, mero narcisismo. A experiência do amor é uma experiência imortal, e não há experiência humana que não se reconduza a uma experiência de amor. Isso decide no final: podemos confiar em meio a uma batalha perdida.

IHU On-Line - Apegar-se ao além e desprezar o corpo é a principal acu-

Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada “Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida”. Leia, também, a edição 277 da revista IHU On-Line, de 13-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da IHU On-Line)

sação de Nietzsche ao cristianismo e budismo, por ele classificadas como religiões niilistas. Como compreender a acusação desse filósofo de que a transcendência anula a corporeidade em função do além?

Luiz Carlos Susin - Nietzsche não dispunha de uma boa interpretação bíblica, nem de uma antropologia e de uma cristologia, como hoje temos. Ele dispunha seja do cristianismo real que o rodeava, basicamente burguês e cheio de sofismas, seja de um cristianismo teoricamente muito influenciado pelo dualismo grego. Hoje, temos condições, depois de mais de um século, seja de ter aprendido a dura lição de Nietzsche, seja de elaboração de uma resposta adequada do que seja uma antropologia cristã. Jesus não morreu com a calma de Sócrates: o cristianismo não crê simplesmente na salvação da alma, mas crê na transfiguração de nossos corpos mortais, na criação de um mundo novo – Novos Céus e Nova Terra, onde reine a justiça. Não se pode amar o céu sem a terra, mas também não se pode separar ou amar a terra sem o céu. A calma de Jesus lhe foi dada como paciência e graça, e a razão e justificação lhe foram dadas como Ressurreição dos Mortos, corpo glorificado, manifestação e antecipação da glória futura, esperança de toda a criação. Portanto, não há desprezo nem desespero; há realismo corporal e esperança espiritual que inclui a terra, a materialidade da existência humana.

IHU On-Line - Quais são as principais diferenças entre a forma como católicos e espíritas lidam com a morte?

Luiz Carlos Susin - A doutrina espírita tem muitos elementos cristãos, mas não tem uma antropologia bíblica. E isto faz uma grande diferença. É bem verdade que o cristianismo foi influenciado pelo dualismo grego, o que gerou muita confusão e muito curto-circuito na antropologia cristã. Sempre se ensinou a respeito da ressurreição dos mortos e da glorificação dos corpos, mas na prática havia a preocupação em torno da “salvação da alma”, pois se acreditava que o resto viria de acréscimo, desvalorizando assim a condição corporal e terrena.

A cosmovisão espírita tem coerência consigo mesma em todos os pontos: desencarnação, reencarnação, espíritos sem corpo, e o corpo como veículo do espírito, lugar para se fazer o bem e evoluir até se tornar espírito iluminado sem necessidade de reencarnação. Há, evidentemente, mais fineza. Não pretendo resumir tão brutalmente a doutrina espírita a respeito. Há um claro acento no mérito individual: cada espírito tem um caminho a ser percorrido com seu esforço de evolução através do bem, da justiça e da caridade. Isso é notável, mas o acento cristão está na graça, na redenção e no perdão, na iniciativa divina. Não se despreza o esforço de praticar o bem, mas isso não é condição, é generosidade de quem foi agraciado com divina generosidade. Há também uma questão de base em tudo isso, a “lei do karma”, muito parecida com a constatação e a expressão de São Paulo na carta aos romanos: “*corpo de pecado*” – do qual ele diz que é Cristo que o liberta, não as suas obras.

IHU On-Line - Pensando em uma perspectiva religiosa, como podemos compreender a morte de crianças e jovens, que não tiveram tempo de viver o bastante para deixar a vida com aquele sentimento de “missão cumprida”?

Luiz Carlos Susin - Numa perspectiva religiosa cristã – não espírita, que busca as causas e efeitos se desdobrando em âmbito individual –, é necessário pensar com uma das afirmações fundamentais que estão no *Credo*, e que foi esquecida pelo individualismo moderno: todos vivemos na “Comunhão dos Santos”; somos a família divina santificada pelo Espírito Santo, incorporada no Corpo de Cristo. Portanto, nem a quantidade de anos e nem mesmo a qualidade dos anos vividos contam individualmente, mas a qualidade da *comunhão*. A missão está na altura do desenvolvimento de cada um como resposta e responsabilidade dentro desta grande comunhão humana e divina, que é, em última análise, a comunhão no amor. Deus é amor, e tudo o que vive é amado por ele. O livro da Sabedoria, no capítulo 11, diz com todas as letras que o Criador

não despreza nada do que criou, mas se compadece da fragilidade de suas criaturas, pois ele é o “Amante da Vida”. O inocente e o jovem ceifado pela morte sem chegar à vida adulta estão nesta *comunhão* mais forte do que a morte. Não é necessário e pode ser até ofensivo buscar desculpas para eles ou para Deus, do tipo “foi melhor assim”, ou “quem sabe ele se perderia se tivesse mais tempo”. São mistificações parecidas com as razões dos amigos de Jó¹² para os seus sofrimentos inocentes. Nós confiamos no mistério divino, que é maior do que o mistério do mal, e confiamos na comunhão onde os laços não se perdem com a morte. Jesus também não envelheceu, morreu de forma injusta ainda jovem. Isso tem um sentido. Não sabemos mais do que isso.

LEIA MAIS...

>> Luiz Carlos Susin já concedeu outras entrevistas e depoimentos à revista IHU On-Line e ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O material pode ser acessado através do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu)

* *Il Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 09-02-2007;

* *Depoimento sobre a notificação do Vaticano a Jon Sobrino*, publicado nas Notícias do Dia, em 15-03-2007;

* *Uma visão idealista e uma afirmação muito identitária*. Entrevista publicada nas Notícias do Dia, em 11-07-2007;

* *A vivacidade das experiências de chegada e encontro com Cristo na história gaúcha*. Entrevista publicada na IHU On-Line nº 238, de 01-10-2007.

* *Teologia da Libertação e Aparecida: realmente uma volta ao fundamento?*. Entrevista concedida com Erico Hammes à IHU On-Line nº 261, de 09-07-2008;

* *Alteridade: um a priori de carne e osso*. Entrevista concedida à IHU On-Line nº 277, de 13-10-2008.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre o tema de capa desta revista, confira as edições, a seguir, disponíveis para download no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, WWW.unisinos.br/ihu.

* *A morte*. Edição nº 121, de 01-11-2004;

* *Um ponto final à vida? Problemáticas suscitadas pela eutanásia*. Edição nº 162, de 31-10-2005;

* *Resiliência. Elo e sentido*. Edição nº 241, 29-10-2007.

¹² Jó (1.683 a.C.-1543 a. C.): patriarca bíblico. (Nota da IHU On-Line)

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU

A morte foi privatizada

Além de tabu, camuflada por inúmeros artifícios, a morte em nossos tempos dobrou-se às leis de mercado, pontua Martin Dreher. Há uma indústria que se encarrega dela, assim como do conceito de vida, baseado no consumo

POR MÁRCIA JUNGES

O conceito de morte foi invisibilizado, denuncia o teólogo Martin Dreher, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “A morte não foi apenas camuflada. Ela foi privatizada, dobrando-se às leis da economia de mercado. A morte não é mais questão da família, mas de uma indústria que se encarrega dela.” Já o conceito de vida foi baseado no consumo. Dreher lamenta que o tema morte seja um tabu, e que os velórios no Brasil durem tão pouco tempo, pois é preciso mais vagar para que nos separemos de quem se foi. Questionado sobre o que resta da vida após nossa morte, foi enfático: “Resta a esperança, a certeza da ressurreição por causa da ressurreição de Jesus dentre os mortos. Essa esperança e certeza não é verdade que possa ser comprovada. Ela é criada, a partir da mensagem de que Deus vai fazer nova criação a partir do velho corpo, por causa do que já fez em Jesus. O que resta da vida na morte? Vida”.

Dreher, que é professor e pesquisador no PPG em História da Unisinos, possui graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), e doutorado em Teologia com Concentração em História da Igreja, pela Ludwig Maximilian Universität München. Recentemente, o professor da Unisinos organizou, juntamente com os pesquisadores Imgart Grützmann e J. Feldens, o livro *A imigração alemã no Rio Grande do Sul. Recortes* (São Leopoldo: Oikos, 2008). Além desse, Dreher publicou outras obras, dentre as quais destacamos *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja* (Porto Alegre: EST; São Leopoldo: EST, Sinodal, 1998), *História do povo luterano* (São Leopoldo: Sinodal, 2005) e *A Igreja no mundo medieval* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).

IHU On-Line - Como a morte é encarada pela religião luterana? Que diferenças existem em relação ao catolicismo?

Martin Dreher - Fundamentalmente, também há, entre os luteranos, uma pluralidade de concepções relativamente à morte. Essa pluralidade tem sua origem nas regiões de origem dos luteranos que migraram para o Brasil desde 1824. Mas ela, ao mesmo tempo, se deve às trocas culturais que ocorreram no Brasil, país de profundo sincretismo religioso. Não podemos esquecer que igualmente os luteranos foram marcados pelo neoplatonismo e pela profunda dicotomia por ele difundida em sua antropologia ao dividir o ser humano em corpo e alma. Nessa di-

cotomia, existe uma parte mais nobre no ser humano, sua alma imortal. Ora, ao acentuar a perecibilidade do corpo e a imortalidade da alma, esse neoplatonismo, também em sua acepção cristã que remonta a Orígenes,¹ acabou por esvaziar a mensagem central da fé cristã: a ressurreição de Jesus Cristo e, por conseguinte, a confissão contida no Credo Apostólico: “creio na ressurreição do corpo (da carne)”. Para que esperança em relação ao corpo, se a alma é imortal e não morre?! Foi o que por muito tempo norteou o

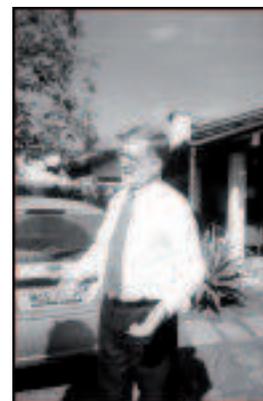
¹ Orígenes (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

cristianismo no Brasil, para o qual valia “salva tua alma!”

O significado da morte de Jesus

Para se compreender o significado da morte para a fé cristã, é importante que se parta da morte de Jesus. Na cruz, Jesus repete palavras do Salmo 22: “Deus meu, Deus por que me desamparaste?”². São palavras que expressam a ausência total de Deus. E por que isso é assim? Porque vida é ter relacionamento, principalmente relacionamento com Deus. Morte significa ausência de relacionamento com Deus. O Salmo 22, na boca de Jesus e em seu contexto original, expressa a morte em todo o seu

² Confira Evangelho de Marcos, 15, 34. (Nota da IHU On-Line).



DIVULGAÇÃO

horror. A morte nada tem de glorioso. Ela é, antes, a impossibilidade de o morto estabelecer qualquer contato com o autor da vida, Deus, e com seus semelhantes. A única possibilidade que permanece ante o perigo da morte é dirigir-se a Deus, “fonte da vida” (Salmo 36.8-10), pois Ele pode também estar presente no mundo dos mortos (Salmo 139,8). O horror da morte, pelo qual todo o ser humano precisa passar, a impossibilidade de comunicar-se com Deus e com os seus, se tenta minimizar com teorias acerca da alma e de sua imortalidade. Essa radicalidade está descrita com todas as letras na morte de Jesus. Nela, se expressa o significado de culpa, de pecado. Os moralismos, resultantes da tentativa desesperada de se preservar uma alma imortal ligada a Deus, criaram catálogos de pecados maiores e menores e produziram igual número de listagens para minimizar culpa.

O que se esqueceu (e a questão é atualíssima, pois o conceito “pecado” saiu do vocabulário dos pregadores cristãos) é que o pecado é fundamentalmente fim de relacionamento, fim de comunicação, é morte. Pecado é a tentativa do ser humano de querer “ser como Deus”, ocupar seu lugar, tornar-se medida de todas as coisas e dos seus semelhantes, o que leva à morte, ou seja, produz e resulta em morte. Isso torna a morte de Jesus mais terrível: ele morre a morte do ser humano que produz morte, do ser humano que se afastou totalmente de Deus. Esse Deus buscou anunciar e possibilitar vida. Em sua morte, se mostram todas as potencialidades do ser humano como produtor de morte. Toda essa brutalidade e violência da morte, no entanto, só fica evidente em toda a sua clareza a partir do instante em que a fé cristã anuncia o não de Deus a tudo aquilo que produz morte, ao ressuscitar a Jesus. A morte de Jesus é associada a sua ressurreição. É, por outro lado, o sim evidente de Deus à vida. Na comunidade cristã, esta certeza é experimentada na celebração eucarística, quando é anunciado, através das palavras de Jesus, o “dado e derramado em favor de vós para a remissão (perdão) dos pecados” e quando no cerne de sua pregação é anunciado que a morte não tem a úl-

tima palavra, mas a vida: “O Senhor verdadeiramente ressuscitou!”. Na fé cristã, se anuncia que em Jesus temos a vida, que é maior do que a morte, mesmo que todos tenhamos que experimentar esta. Por isso, é possível uma postura confiada diante da morte. Ela sabe que também na morte, por causa de Jesus, se tem vida.

IHU On-Line - Para os materialistas e ateus, a vida significa apenas corporeidade. O que resta da vida após nosso corpo deixar de funcionar?

Martin Dreher - Vida tem começo e tem fim. A partir do instante em que nascemos, começamos a morrer. Daí que, para a fé cristã, vida é tempo dado de presente pelo Autor da vida. Nessa perspectiva, também é importante dizer que, ao permitir o surgimento de vida, Deus está criando um ser único, com o qual quer se relacionar, se comunicar. Daí brota também o cuidado com a vida, que se estende até o cuidado com o moribundo e a entrega de seu corpo à terra, quando de sua morte. Não é por acaso que cristãos marcam com uma cruz o local onde foi sepultada uma pessoa batizada — aqui descansa —, aguardando pela ressurreição, um ser único, criado por Deus, objeto do amor de Deus, em relação ao qual temos esperança. Por isso, a pergunta formulada tem de ser respondida com: “Resta a esperança, a certeza da ressurreição por causa da ressurreição de Jesus dentre os mortos”. Essa esperança e certeza não é verdade que possa ser comprovada. Ela é crida, a partir da mensagem de que Deus vai fazer nova criação a partir do velho corpo, por causa do que já fez em Jesus. O que resta da vida na morte? Vida.

IHU On-Line - Podemos dizer que a morte no Ocidente está camuflada? Por quê?

Martin Dreher - Em minha infância, falar sobre sexo era tabu. Não era tabu falar sobre a morte. Desde pequeno participei de velórios e de sepultamentos. Acompanhei a preparação para a morte de um tio-avô e de minha avó. Muito pequeno, acompanhei o velório de meu avô, colhendo todas as flores que havia no jardim e juntado-as às flores que eram trazidas por amigos: Vovô

só podia estar de aniversário! Sem o saber, estava fazendo profunda reflexão teológica: a morte é o nascimento para a vida que não tem fim.

Em muitas famílias, as pessoas morriam em casa, no círculo da família que segurava a mão do moribundo, se-cava o seu suor, que brotava na testa. A família comungava com o moribundo, antecipando a grande eucaristia a ser celebrada com Cristo e com todos os que nos antecederam na morte. No século XX, tivemos a banalização da morte em duas guerras mundiais, nos campos de extermínio a exemplo de Auschwitz,³ nos desaparecidos dos Estados de Segurança Nacional, no crescimento de um capitalismo selvagem para o qual o lucro a todo o custo era o mais importante. A vida ficava em segundo plano, como o vimos nos milhões dizimados pela fome. Por outro lado, esse mesmo século XX teve avanços impressionantes no campo da medicina. Houve aumento da expectativa de vida, a morte foi postergada e afastada do cotidiano. O moribundo foi tirado do seio da família para morrer no anonimato, só. O jovem não tem contato com a morte senão através de produções sensacionalistas da mídia. Vai estudar medicina, e o primeiro morto que vê em sua vida encontra na aula de anatomia.

Procurou-se invisibilizar a morte e vender conceito de vida, baseado em consumo, tornando realidade a sentença de Schopenhauer⁴: “Der Mensch ist, was er isst” (O ser humano é o que come). A morte não foi apenas camuflada. Ela foi

³ Auschwitz: localizado na cidade de Cracóvia, na Polônia, foi o maior e mais cruel campo de concentração do regime de Hitler. Calcula-se que, em suas câmaras de gás e crematórios, foram assassinadas por volta de um milhão de pessoas. Em 1944, no auge do Holocausto, morriam seis mil pessoas por dia. Auschwitz tornou-se sinônimo do genocídio contra os grupos perseguidos pelos nazistas. Em 27 de janeiro de 1945, os soviéticos libertaram os presos deste campo de extermínio. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

privatizada, dobrando-se às leis da economia de mercado. A morte não é mais questão da família, mas de uma indústria que se encarrega dela.

IHU On-Line - Nesse sentido de negar a morte, como entender a indústria da beleza (padrões estéticos, cirurgias e cosméticos) e o culto ao corpo nas academias, a eutanásia de idosos e a maquiagem dos mortos?

Martin Dreher - Creio que o cuidado com o corpo não significa necessariamente negação da morte. Há uma responsabilidade em relação ao corpo e se nós, enquanto corpos, nos devemos ao Criador, é mais do que justo e responsável que cuidemos do corpo e o embelezemos. Agora existem padrões de corpo que fogem inclusive ao racional. Penso nos sofrimentos a que se submetem jovens modelos, desesperadas para manter um corpo “ideal” que, por vezes, as leva à morte. Penso na ingestão de anabolizantes. Aqui, estamos diante do irresponsável e há profunda falta de reflexão sobre o que significa vida e vida plena. No outro extremo, encontramos a situação do corpo do idoso. Em relação a esse corpo, assim me parece, o problema maior não é o da eutanásia⁵, mas o da ortotanásia.⁶ Na ânsia por prolongar a vida, esquecemos que há também um direito à morte e ao morrer. Lembro-me de minha avó no leito de morte, acordando de um pesadelo aos soluços. Quando lhe perguntei o que a fazia chorar convulsivamente, respondeu: “Sonhei que faltavam dois dias para eu completar mil anos e... isso é tão terrível!”. Pouco depois ela se juntou a seus pais. Cuidamos de meu pai até sua morte. Foi uma longa

5 Eutanásia: prática pela qual se abrevia a vida de um enfermo incurável de maneira controlada e assistida por um especialista. Sobre esse tema, confira a edição nº 162, de 31-10-2005, da IHU On-Line, intitulada *Um ponto final à vida? Problemáticas suscitadas pela eutanásia*. (Nota da IHU On-Line)

6 Ortotanásia: termo utilizado pelos médicos para definir a morte natural, sem interferência da ciência, permitindo ao paciente morte digna, sem sofrimento, deixando a evolução e percurso da doença. Portanto, evitam-se métodos extraordinários de suporte vida em pacientes irrecuperáveis e que já foram submetidos a Suporte Avançado de Vida. Sobre o tema, confira nas *Notícias do Dia*, publicadas no sítio do IHU, a entrevista concedida pelo médico cardiologista Roberto D'Ávila, intitulada “Ortotanásia. Os benefícios de não prolongar a morte”. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

agonia. Quando faleceu, agradecemos a Deus por sua vida e o louvamos por causa de sua morte.

IHU On-Line - Que sentido existe em comemorar o Dia dos Finados?

Martin Dreher - Esse dia “comemora”, “rememora” os que foram antes de nós e sem os quais não seríamos, nem física nem espiritualmente. No calendário litúrgico luterano, o dia de comemorar os mortos, originalmente, era o último domingo do ano eclesiástico, designado de “domingo da eternidade”; era o dia de lembrar aqueles que Deus já chamara par junto de si. No Brasil, a forte tradição católico-romana fez com que também luteranos e outros cristãos passassem a visitar os túmulos dos que foram antes de nós, em 2 de novembro. Quando visito as sepulturas dos que foram antes de mim, faço-o com sentimento de gratidão.

IHU On-Line - Esse tipo de data contribui para a superação da dor de quem fica?

Martin Dreher - Uma data apenas não significa nada. A superação de dor se faz falando daquela pessoa amada que tivemos que entregar à sepultura, recebendo e dando abraços, segurando uma mão em silêncio. Quando em 2 de novembro visitar as sepulturas de meus bisavós, avós e pai e ornamentá-las com flores, vou expressar gratidão a Deus e a eles. O que sou, devo a Deus por meio deles. É claro que existem pessoas para as quais o 2 de novembro é dia de tentar fazer penitência pelo que não fizeram em vida em relação à pessoa falecida. Essas pessoas sofrem por demais. Aí a ida ao cemitério não ajuda a superar dor. Tenho aconselhado a quem se encontra nessa situação a amar mais a alguém que, vivo, necessita muito de amor.

IHU On-Line - Qual a importância do funeral, principalmente do velório, para o processo de superação e de cura da dor pela perda?

Martin Dreher - Lamento que entre nós, no Brasil, o velório seja extremamente breve: poucas horas. Precisamos de mais tempo para nos separar de quem nos é querido. Lamento também que “velório” sempre mais dei-

xe de ser tempo de despedida. Como morte é tabu, cada vez menos se fala da pessoa falecida com os familiares e, com isso, não se ajuda a amenizar a dor. Cada vez mais, sinto a necessidade da visita após o sepultamento. No funeral propriamente dito, o rito é importante. O clamor do Salmo ajuda a clamar; a palavra do Evangelho ajuda a dar esperança; a oração faz-nos sentir acolhidos; a bênção conforta; o acompanhamento à sepultura ajuda na despedida; o retorno para casa na companhia de outros nos ajuda a conviver com a dor e a minorá-la.

IHU On-Line - É possível dar sentido à existência sem a fé?

Martin Dreher - Para a mídia, certos refrigerantes, certas marcas de dentífricos ou certas marcas de cigarro dão sentido à existência. Ela não me convence. Estamos rodeados por uma série de inquietudes que requerem satisfações momentâneas. Santo Agostinho⁷ dizia que vivemos inquietos até que descansemos em Deus. Fazer essa afirmação é resultado de experiência de fé, de uma confiança resultante de um encontro com Deus, no meu caso, na pessoa de Jesus, em sua morte e ressurreição. Foi um presente que me foi dado e que me deixa viver confiado.

IHU On-Line - Qual é o papel do Outro na ajuda da superação da dor da morte no desenvolvimento da resiliência?

Martin Dreher - O “Outro” é, para mim, Deus, que sempre se vale de “outro” para vir a meu encontro. Sem o “Outro”, através do “outro” fico só com minha dor. Sempre vivi a experiência religiosa em comunidade, dela aprendi que ela é o lugar da *mutua consolatio fratrum* (mútuo consolo dos irmãos). Uma das características de Deus é o condoer-se. É, por isso, que no Evangelho é dito que Deus “amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. De Deus se pode aprender que somos convidados a acompanhar a dor do outro e a compartilhá-la.

7 Aurélio Agostinho (354-430): conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

Resiliência e a dinâmica da vida em busca da plenitude

A fé cristã nos faz esperar para além da morte, e nos mostra que existe uma dinâmica na vida que não termina com o corpo físico. Todas as nossas contribuições à vida é que nos dão o sentimento de que a existência tem sentido, menciona Stefan Vanistendael

POR MÁRCIA JUNGES

Para o sociólogo holandês Stefan Vanistendael, “se uma pessoa é verdadeiramente muito querida, não podemos verdadeiramente compensar a sua morte. O ferimento de sua perda pode cicatrizar, mas a cicatriz fica. Todavia, com o tempo, nós podemos também descobrir pouco a pouco, em muitos casos, que a vida continua sendo possível para os sobreviventes, ou melhor, que esta vida vale a pena ser continuada e vivida. Tal descoberta é um processo de resiliência, um crescimento humano diante das grandes dificuldades”. Ele acredita que é a fé cristã que nos faz ir além dos limites materialistas, e esperar algo após a morte. “Não se trata de uma fé aleatória ou ingênua. Ao contrário, a resiliência nos mostra que existe na vida uma dinâmica que busca a plenitude, mesmo através de situações muito difíceis e de ferimentos. A fé cristã indica simplesmente que não há razão para que esta dinâmica cesse com a morte”. A entrevista foi concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Graduado em Sociologia, pela Louvain Flemish, cursou mestrado em Demografia em Louvain Wallon. Desde 1979, atua no International Catholic Child Bureau (Bice-lccb), em Genebra, Suíça. Especialista no tema resiliência em conexão com a espiritualidade cristã, Vanistendael já proferiu mais de 100 conferências e *workshops* sobre esses assuntos em quatro continentes. De suas publicações, citamos *Le bonheur est toujours possible. Construire la résilience* (Paris: Bayard, 2000) e *La felicidad es posible* (Espanha: Gedisa, 2006), em co-autoria com Jacques Lecomte.

IHU On-Line - Quais são os principais recursos de afrontamento com os quais o sujeito pode enfrentar situações de perda por morte de um ente querido?

Stefan Vanistendael - Se uma pessoa é verdadeiramente muito querida, não podemos verdadeiramente compensar a sua morte. O ferimento de sua perda pode cicatrizar, mas a cicatriz fica. Todavia, com o tempo, nós podemos também descobrir pouco a pouco, em muitos casos, que a vida continua sendo possível para os sobreviventes, ou melhor, que esta vida vale a pena ser continuada e vivida. Tal descoberta é um processo de resiliência, um crescimento

“Em tal processo de resiliência, damo-nos conta de que a plenitude da vida é fundamentalmente diferente de uma vida sem problemas, muito mais profunda do que o perfeccionismo humano”

humano diante das grandes dificuldades. Trata-se de um crescimento paradoxal, na medida em que nós conseguimos assim integrar e positivar a fragilidade humana em nossas vidas – o que constitui um enrique-

cimento e um aprofundamento importante da vida. Em tal processo de resiliência, damo-nos conta de que a plenitude da vida é fundamentalmente diferente de uma vida sem problemas, muito mais profunda do

que o perfeccionismo humano.

IHU On-Line - Em que sentido a resiliência que desenvolvemos após a perda de um ente querido nos ajuda a evoluir como seres humanos?

Stefan Vanistendael - A negação da morte é efetivamente problemática. Com a finalidade de superar esta negação, devemos compreender que é o desafio da fronteira da morte que dá à vida sua densidade e sua dimensão. Sem este limite, a vida seria paradoxalmente insuportável e sem impulso: *se eu vivo indefinidamente, para que me levantar de manhã? Posso fazer tudo mais tarde*. Santo Inácio,¹ fundador dos jesuítas, tinha compreendido bem isto, e propõe que meditemos sobre este limite da morte para melhor captar o que é verdadeiramente importante em nossas vidas.

IHU On-Line - A morte é um tema tabu em nossos dias. Como é possível sermos resilientes se a maioria das pessoas nega a morte?

Stefan Vanistendael - É o estado de espírito de uma pessoa que contribui

1 Inácio de Loyola: fundador da Companhia de Jesus, ordem dos jesuítas. Quando tinha 30 anos, ao empenhar-se na defesa da praça de Pamplona, em Loyola, é ferido nas pernas por uma bala durante o cerco francês à cidade, em 20 de maio de 1521. Submetido a várias cirurgias, ocupa-se durante o longo reestabelecimento no castelo de Loyola, com a leitura de história de Santos e *Uma vida de Cristo*. Este seria para ele o princípio de um mergulho profundo. Inácio vai aos poucos trocando a imaginação dos feitos dos cavaleiros pelas realizações dos santos, assimilando seus propósitos de vida e se identificando cada vez mais com eles. Tão logo sentiu-se recuperado das cirurgias, foi ao santuário de Nossa Senhora de Monserrat, próximo a Barcelona, para depositar suas armas diante do altar e assumir definitivamente a função de “soldado de Cristo”. Já despojado de todos os seus bens, esmolando e rezando, passou um ano em um lugarejo chamado Manresa, fazendo penitência, para atingir a purificação. Confira sua obra *Exercícios espirituais* (6. ed. São Paulo: Loyola, 1997). No evento *Espiritualidade Cristã na Pós-modernidade: Desafios e perspectivas*, em 19-09-2008, o Pe. Luís Gonzalez Quevedo, do Centro de Espiritualidade de Itaici, São Paulo, proferiu duas conferências, uma delas intitulada “Contribuições da Espiritualidade inaciana: a atualidade da experiência e do itinerário espiritual de Inácio de Loyola”. O tema será publicado, em breve, nos *Cadernos Teologia Pública*, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da IHU On-Line)

“São todas as nossas contribuições à vida, minúsculas, banais, cotidianas ou mais brilhantes, que deveriam nos dar o sentimento que nossa vida tem verdadeiramente um sentido”

para a sua resiliência, ou é a resiliência que resulta em certo estado de espírito? Na verdade, os dois devem ser considerados, pois a resiliência se situa em uma rede não linear de causas e efeitos, com muitos efeitos em retorno também. Causa ou efeito, pouco importa, trata-se de um estado de espírito positivo e essencial para a resiliência, pois se trata de encontrar os pontos positivos que vão permitir a construção de algo. Enquanto repararmos somente nos estragos — uma coisa muito importante —, não construímos nada. As famílias de refugiados que centralizam sua atenção nas novas possibilidades de sua nova situação se saem melhor do que aquelas que centralizam a sua atenção no que perderam.

IHU On-Line - De que maneira a espiritualidade cristã, a fé e resiliência se entrelaçam na experiência da morte?

Stefan Vanistendael - Em primeiro lugar, a fé cristã nos inspira a ir além dos limites do materialismo puro e simples, e a esperar além da morte. Não se trata de uma fé aleatória ou ingênua. Ao contrário, a resiliência nos mostra que existe na vida uma dinâmica que busca a plenitude, mesmo através de situações muito difíceis e de ferimentos. A fé cristã indica simplesmente que não há razão para que esta dinâmica cesse com a morte. Esta fé postula a completude desta dinâmica após a morte, à imagem do Cristo muito ferido e ressuscitado. Transformado em nova vida. Trata-se aqui de uma esperança muito profunda, e no fundo — eis uma grande surpresa! — muito coerente com a vida como nós já a conhecemos antes da morte, com seus altos e baixos.

IHU On-Line - Para Heidegger, o ser humano é um “ser-para-a-morte”. Como é possível transcender essa constatação e dar um sentido para a existência?

Stefan Vanistendael - Poder-se-ia dizer que o ser humano é “um ser para a vida”. Por que reduzir tudo e focalizar sobre o fim físico? Por que fazer da morte não somente um fim físico, mas também um fim no sentido de uma orientação última? Não há nisto uma redução que desgasta a vida? A vida nos é dada e ela tende à plenitude, mas integrando a ela nossas fragilidades, nossas derrotas, nossas feridas. Eis o profundo sentido do ícone do Cristo ressuscitado. Esse sentido, infinitamente mais rico e mais humano, vai bem além dos perfeccionismos humanos. O sentido da vida se descobre buscando esta plenitude, através de pequenos passos, no cotidiano. São todas as nossas contribuições à vida, minúsculas, banais, cotidianas ou mais brilhantes, que deveriam nos dar o sentimento que nossa vida tem verdadeiramente um sentido.

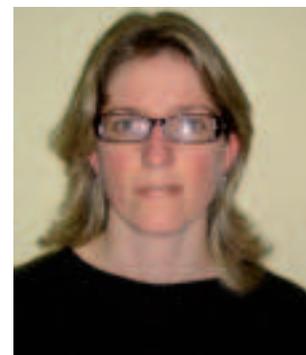
A luz da morte ilumina aquilo que é essencial

O distanciamento criado em torno da morte revela a falta de comprometimento com nossa existência. Devemos retomar nosso projeto de vida como autêntico e único, com responsabilidade, reflexão e cuidado, afirma Sofia Dreher

POR MÁRCIA JUNGES

“**E**ducar as pessoas para a morte não é um movimento de formar pessoas temerosas e horrorizadas frente a ela, mas sim de retirar as pessoas da inércia em que vivem e fazê-las ver aquilo que é essencial, que urge ser cuidado, suas próprias vidas. Retomar as rédeas de suas vidas requer autenticidade, responsabilidade, reflexão e cuidado”, reflete a musicoterapeuta Sofia Dreher, na entrevista exclusiva a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo ela, “podemos entender o evento da morte como um processo de crescimento quando somos confrontados com a nossa finitude e quando esse evento nos chama a reflexão sobre a nossa existência”. Infelizmente, a morte passou a ser um tema proibido, e as pessoas calam sobre ela, exceto quando esta se torna um “evento midiático”. Dreher analisa, também, o culto à beleza e juventude, que tentam cada vez mais nos distanciar da morte.

Bacharel em Musicoterapia pela FAP-PR, Dreher é especialista em Comunicação e Semiótica: teoria e crítica da sociedade de informação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Tem mestrado em Filosofia pela Unisinos, com a tese *Sobre a dignidade humana no processo do morrer*. Além disso, leciona no Bacharelado em Musicoterapia na Escola Superior em Teologia (EST) e atua clinicamente nas cidades de São Leopoldo, Sapucaia e Novo Hamburgo.



Divulgação

IHU On-Line - Por que as pessoas têm tanto medo da morte?

Sofia Cristina Dreher - Assim como o sexo era considerado um tabu em tempos atrás, hoje a morte passou a ser um tabu. As pessoas não ousam pronunciar o seu nome e àqueles que tentam introduzir o assunto sobram represálias. Salvo quando a morte se transforma em um evento midiático. Falar desse evento é mais fácil precisamente porque se trata da morte de um outro, de um estranho, e só contribui para uma maior banalização da morte. No entanto, falar de nossa própria finitude é dialogar com a nossa própria existência. Vivemos em tempos de culto à beleza e à eterna juventude. Fazemos de tudo para aparentarmos jovialidade e distanciarmos o evento da morte. Esse distanciamento que criamos sobre a constatação de que somos seres fini-

tos também se reflete numa falta de comprometimento com a vida. Existe a responsabilidade de se ter um projeto de vida autêntico e único e que possa dar um sentido as nossas vidas, bem como de um prazo para executá-lo. O medo da morte provém justamente dessa constatação de que a nossa subjetividade perde sentido no evento da morte. Levamos uma vida inteira para construirmos uma identidade, uma subjetividade e de repente somos todos igualados, precisamente porque todos morremos um dia.

IHU On-Line - No caso de doentes terminais, qual é a justificativa em manter a pessoa viva se a morte virá com certeza?

Sofia Cristina Dreher - Primeiramente, se torna importante esclarecer que a decisão em manter o doente terminal ligado

a aparelhos ou não é tomada num diálogo conjunto entre equipe médica e familiares. Para que essa discussão possa dar início, o paciente deve se encontrar fora de possibilidades terapêuticas (FDP), ou seja, quando não existe mais possibilidade de retrocesso da doença ou do quadro instalado. A partir desse entendimento e consentimento dos familiares, entra em cena um outro tipo de paradigma da saúde, não mais o pautado na cura, mas sim no cuidado. O fato desse paciente não precisar mais de procedimentos invasivos e que só prolongam o evento da morte iminente não significa que ele não precise mais de cuidados médicos. A dor precisa ser controlada, e o apoio emocional e espiritual ganham força. Entramos, então, nos Cuidados Paliativos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), Cuidado Paliativo é o cuidado ativo total dos pacientes cuja doença não responde

mais ao tratamento curativo. O controle da dor e de outros sintomas e o cuidado dos problemas de ordem psicológica, social e espiritual são o mais importante. O objetivo do cuidado paliativo é conseguir a melhor *qualidade de vida* possível para os pacientes e suas famílias.

IHU On-Line - Pode-se falar em morrer dignamente? O que seria isso?

Sofia Cristina Dreher - Morrer dignamente significa deixar a vida seguir o seu curso normal, ou seja, a morte no seu tempo certo, sem abreviá-la (eutanásia) ou prolongá-la (distanásia). Esse é o entendimento da ortotanásia. Quando o doente terminal se encontra fora de possibilidades terapêuticas, precisamos evitar que a obstinação terapêutica em manter a vida artificialmente seja introduzida. Da mesma forma, precisamos estar muito atentos na evolução do quadro clínico e termos a certeza de que aquele paciente se encontra fora de possibilidades terapêuticas, evitando assim uma abreviação da vida. Dois personagens de nossa história recente nos deixaram exemplos sobre o respeito perante a constatação da sua própria morte, bem como pela recusa de tratamentos fúteis.¹ Mário Covas,² ainda enquanto governador do estado de São Paulo, promulgou uma lei estadual para regulamentar o pedido de recusa de tratamentos fúteis. Na artigo 2º da lei de n. 10.241, de 17 de mar-

ço de 1999, consta que: são direitos dos usuários dos serviços de saúde no Estado de São Paulo: XXIII – recusar tratamentos dolorosos ou extraordinários para tentar prolongar a vida; e XXIX – optar pelo local de morte. Assim como Mário Covas, o Papa João Paulo II³ também se recusou a receber os tratamentos extraordinários e optou por morrer em sua casa, longe do ambiente frio e impessoal de um hospital. O exemplo da recusa de tais tratamentos, bem como do respeito pela decisão do sujeito de querer morrer em sua casa, vai ao encontro do contexto da ortotanásia. O prefixo grego *ortós* quer dizer correto, ou seja, é a morte digna, sem abreviações desnecessárias e sem sofrimentos adicionais, é a morte no seu tempo certo. Para o teólogo Marciano Vidal, a ortotanásia é uma síntese ética do direito de morrer com dignidade e do respeito pela vida humana.⁴

IHU On-Line - Em que aspectos a morte nos faz crescer?

Sofia Cristina Dreher - Para o filósofo Karl Jaspers,⁵ a morte é considerada uma situação-limite. Para ele, situações-limite são todas aquelas situações as quais não podemos escolher, que nos colocam em confronto com a morte e nos fazem refletir sobre a nossa existência, sobre o significado que estamos dando a nossa vida. “Jaspers chama a estas condições, que nenhum ser humano pode escolher, mas às quais, por meio da existência, há de dar um significado, situações-limite.”⁶ Podemos entender o evento da morte como um processo de crescimento quando somos confrontados com a

nossa finitude e quando esse evento nos chama a reflexão sobre a nossa existência. Essa reflexão só se dá através dessas situações-limite tais como a morte de um ente querido; um acidente de carro, a notícia de uma doença grave; entre outros exemplos. É a partir desse confronto, com a percepção de que nós também vamos morrer um dia, que somos convidados a refletir sobre o rumo que estamos dando a nossa vida, bem como da responsabilidade em dar a ela um significado único e autêntico. O grande desafio não está na elaboração desse projeto de vida, mas sim na realização do mesmo.

IHU On-Line - Como morte e resiliência estão imbricadas?

Sofia Cristina Dreher - Resiliência é a capacidade que o ser humano tem de superar os impactos resultantes de uma experiência traumática vivida e de sair fortalecido dessa mesma situação. É comum escutarmos entre as pessoas que um determinado evento foi um aprendizado em sua vida ou mesmo que sempre procuram tirar uma lição de cada relacionamento, de cada evento. Também dessa forma, a morte de um ente querido ou o confronto com a nossa própria finitude nos convida a refletir sobre essa experiência traumática, buscando significações e um fortalecimento para prosseguir. Isso não significa voltar a viver imerso numa rotina que nos afasta de um diálogo com nós mesmos, mas, a partir dessa reflexão, colocar em prática um projeto de vida que dê sentido a nossa existência.

IHU On-Line - De que forma a família e o doente terminal demonstram resiliência nesses momentos que antecedem a morte?

Sofia Cristina Dreher - Entendo que a resiliência é demonstrada após a morte. É justamente a capacidade de se recompor após uma experiência de estresse, de tensão. É o momento de refletir a partir do evento ocorrido, sobre a significação desse evento, sobre a nossa existência, sobre um projeto de vida e dessa forma, re-começar, re-criar a vida, re-compôr a sua história.

IHU On-Line - Que relações você estabelece entre a morte e a dor de

1 A expressão “tratamento fútil” (*futility*), diagnóstico ou terapêutico, adquiriu carta de cidadania na literatura médica norte-americana ao longo da década de 1980. Isso aconteceu em razão do crescimento exponencial da capacidade da medicina de intervir no corpo do ser humano e de adiar indefinidamente a morte. O surgimento das chamadas técnicas de suporte de vida a partir dos anos 60 aumentou a manipulação da morte até limites pouco inusitados e levantou o problema de até quando intervir no corpo de uma pessoa que se encontra numa situação de vida profundamente comprometida. [...] Segundo Diego Garcia, o termo entrou na área da ética biomédica a partir da moral católica, por obra de um ex-jesuíta norte-americano, Albert R. Jonsen. Na perspectiva da moral católica, é bastante fácil considerar fúteis todas aquelas práticas que tenham caráter extraordinário ou desproporcionado. A expressão *futilidade*, com efeito, começou significando isto, e sendo, portanto, um termo técnico para designar o que é aplicado num paciente e não produz um benefício, mas um dano. PESSINI, Léo. *Distanásia*: até quando prolongar a vida? (São Paulo: Centro Universitário São Camilo; São Paulo: Loyola, 2001, p. 150/151). (Nota da entrevistada)

2 Mário Covas Júnior (1930-2001): engenheiro e político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

3 Papa João Paulo II (1920 - 2005): Karol Wojtyła, foi eleito papa no dia 16 de Outubro de 1978. Ele sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. Sobre ele, confira a edição nº 135 da IHU On-Line, de 04-04-2005, intitulada *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis e João Paulo II. Balanço e perspectivas*. (Nota da IHU On-Line)

4 VIDAL, Marciano. *Eutanásia*: um desafio para a consciência (Aparecida: Santuário, 1996, p. 98). (Nota da entrevistada)

5 Karl Jaspers (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Sobre ele, confira o artigo intitulado “Imaginar a paz ou sonhá-la?”, publicado na IHU On-Line edição nº 49, de 24-02-2003, e uma entrevista na edição nº 50, de 10-03-2003. (Nota da IHU On-Line)

6 HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Brasília: UNB, 1982, p. 21. (Nota da entrevistada)

quem perdeu o ente querido?

Sofia Cristina Dreher - Norbert Elias⁷ já dizia que a morte é problema dos vivos. Pois para aqueles que já partiram não existe mais um problema, apenas para aqueles que ficaram e continuam vivendo. A dor que provém da perda só existe porque amamos. Não existe amor sem sofrimento, mas é apenas ele, o amor, que pode curar as feridas da perda. Se levamos vinte anos para nos tornarmos alguém e aprendermos a dar os primeiros passos no exercício de amar, deveríamos também ter vinte anos para nos prepararmos para a morte, para a perda. Lidar com o sofrimento não é algo fácil e prazeroso. Crescimento, sim, esse é o prêmio, a recompensa que é dada àquela que se dispõe a enfrentar uma reflexão e uma convivência com a perda. Rubem Alves diz que a luz da morte ilumina apenas aquilo que é essencial. Essa é a verdade, a revelação que a morte nos ensina. Educar as pessoas para a morte não é um movimento de formar pessoas temerosas e horrorizadas frente a ela, mas sim de retirar as pessoas da inércia em que vivem e fazê-las ver aquilo que é essencial, que urge ser cuidado, suas próprias vidas. Retomar as rédeas de suas vidas requer autenticidade, responsabilidade, reflexão e cuidado.

“Mulheres, homens e crianças: tanta luta, tanto desejo de acertar, tanto desânimo vencido, tanto frêmito de beleza, tanto anseio por explicações, tanta esperança renovada. De repente nos informam: quem mais amamos foi marcado, chegou a sua hora: ou nós estamos doentes e vamos morrer; ou alguém muito próximo morre sem que nada nos tivesse preparado – cai como um pássaro atingido. Não tivemos nem tempo de pensar que estávamos vivos, e que era uma tão grande urgência ser bom, ser decente, ser pensativo, ser paciente, ser curioso, ser cansado, ser decepcionado, ser frustrado, ser generoso, ser amoroso, ser humano.”⁸

⁷ Norbert Elias (1897-1990): sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passará grande parte de sua carreira. Suas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Sua obra mais importante é *O processo civilizatório*. (Nota da IHU On-Line)
⁸ LUFT, Lya. *O rio do meio*. São Paulo: Mandarim, 1996, p. 126. (Nota da entrevistada)

Como lidar com a morte? A ajuda das crenças e das práticas religiosas

Para Laura Yoffe, as crenças religiosas sobre a vida, a morte, a dor e o sofrimento são recursos que ajudam as pessoas a outorgarem sentido à morte e à perda de seu ser querido

POR MÁRCIA JUNGES

“O conceito de enfrentamento implica a possibilidade de reconhecer os próprios recursos úteis, tanto para a tomada de decisões quanto para a escolha de estratégias para a solução dos problemas presentes nas situações de doença, morte e luto pela perda de seres queridos. As pessoas religiosas e/ou espirituais que assumem uma atitude ativa ganham ao buscar apoio social, baseando-se em sua fé religiosa, em sua confiança em Deus, em Cristo, na Virgem Maria, no Espírito Santo ou deidades e em outros santos para poder transformar seus estados e sentimentos negativos em estados positivos.” A afirmação é de Laura Yoffe, doutoranda em Psicologia, na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ela ainda declara que “uma atitude religiosa e/ou espiritual é a de confiar em um Deus compassivo que ajudará a sair da situação de dor, isolamento e desesperança, permitindo agir com paz, otimismo e esperança, confiando que haverá uma saída da dor e da angústia, em que o tempo ajudará a curar as feridas, e a sair do luto mais fortalecido, com uma atitude mais amorosa e compassiva consigo mesmo e com os demais”.

O conteúdo desenvolvido nesta entrevista por Laura Yoffe faz parte do tema que ela trabalha em sua tese de doutorado em Psicologia, intitulada “A influência das crenças e das práticas religiosas e espirituais em situações de perda (por morte) de seres queridos”. Ela está sendo orientada pelo Dr. Darío Páez (Universidad del País Vazco de Espania) e pela Dra. Elena Zubieta (Conicet, Universidade de Buenos Aires, Argentina). A tese está atualmente em processo de finalização e tem sido desenvolvida na Universidad de Palermo de la Ciudad Autonoma de Buenos Aires, Argentina.

IHU On-Line - Quais são os principais recursos de afrontamento com os quais o sujeito pode afrontar situações de perda por morte de um ente querido?

Laura Yoffe - Diante de distintas situações de perda por morte de um ser querido, os sujeitos religiosos e/ou espirituais podem contar com recursos de afrontamento que lhes são oferecidos pela sua fé, suas crenças e suas práticas religiosas e espirituais, as quais podem estar enraizadas, ou não, em um determinado credo religioso (como o catolicismo romano, o judaísmo, o budismo etc.), em um grupo, uma tradição ou uma escola espiritual. As crenças religiosas sobre a vida e a morte, a dor e o sofrimento, e mais além, a tarefa da alma



DIVULGAÇÃO

na vida terrena, na reencarnação, são recursos que ajudam as pessoas religiosas a outorgarem sentido à morte e à perda de seu ser querido; assim como os valores e o legado que este ser deixa a quem sobrevive, que, por sua vez, pouco a pouco, deverá reencontrar sentido e sabor na sua vida sem a presença do ser amado. Aqueles que têm uma fé religiosa, crenças e práticas espirituais poderão acompanhar seus seres queridos em estado de doença terminal, fazendo um “luto antecipado”, no qual poderão participar de missas e cerimônias religiosas, de grupos de oração, poderão realizar práticas, tais como orações, meditações pela saúde (para que seus familiares enfermos possam se recuperar), ou práticas a partir de sua intenção de que seu ente querido possa encontrar a paz espiritual que lhe permita morrer tranquilo e dignamente (naqueles casos em que a doença terminal não tinha cura alguma). Aqueles que aderem a crenças religiosas e desenvolvem práticas religiosas e/ou espirituais poderão contar com recursos de enfrentamento, tanto em seu luto antecipado quanto em seu processo de luto a partir da morte de seu ente querido. As redes de apoio que os grupos religiosos oferecem, junto aos clérigos (sacerdotes, rabinos, pastores, lamas tibetanos), poderão acompanhar os familiares em suas orações para seu ente querido doente, assim como também poderão oferecer consolo e apoio emocional, social, instrumental e/ou religioso aos enlutados. Dentro do credo católico romano, os sacerdotes poderão dar ao doente a “Unção dos enfermos” antes de sua morte; e, logo em seguida, poderão fazer um responsório pela alma do falecido, buscando também oferecer consolo aos enlutados.

O poder da oração

As orações feitas de coração — a partir da fé religiosa — ajudam as pessoas religiosas/ espirituais, já que lhes permitem sentir que fazem algo de positivo por seu ente querido, embora a doença deste não tenha cura. As orações de cura são recursos de enfrentamento religioso que podem oferecer alívio espiritual, tanto a quem as recebem quanto a quem as fazem com um

sentimento de amor, cuidado e altruísmo em direção ao ente querido. Diversas pesquisas foram realizadas nos Estados Unidos por médicos como Larry Dossey¹ (1997) (autor de *As palavras curam*); Robert Benson (1975, 1984) estudioso da resposta de relaxamento e seus efeitos positivos em relação à saúde física e mental; Daniel Benor (1994) — médico psiquiatra, pesquisador dos efeitos da cura espiritual. Todas estas pesquisas dão conta do poder da oração, da meditação, do relaxamento e da cura espiritual como recursos religiosos/espirituais de enfrentamento de situações negativas, de estresse e/ou traumáticas, como são as perdas por morte de entes queridos.

A importância das cerimônias fúnebres

A participação em rituais religiosos, a leitura de textos sagrados, o apoio espiritual de clérigos e pares espirituais podem ajudar os enlutados a encontrar sentido em sua vida depois da morte do ser querido e podem servir como estímulo de processos de crescimento, mudanças pessoais e elaboração de novos projetos depois de terem aceitado a morte e a perda sofrida. A participação em cerimônias fúnebres (velório, enterro, cremação, missas, celebrações, aniversários etc.) permite aos enlutados contar com consolo e apoio social de familiares e amigos, clérigos, catequistas e/ou pares espirituais que os fazem não sentir-se tão sozinhos em momentos de dor e tristeza comuns nos lutos. O conceito de enfrentamento implica a possibilidade de reconhecer os próprios recursos úteis, tanto para a tomada de decisões quanto para a escolha de estratégias para a solução dos problemas presentes nas situações de doença, morte e luto pela perda de seres queridos. As pessoas religiosas e/ou espirituais que assumem uma atitude ativa ganham ao buscar apoio social, baseando-se em sua fé religiosa, em sua confiança em Deus, em Cristo, na Virgem Maria, no Espírito Santo, em outros santos ou deidades, para poderem transformar seus estados e sentimentos negativos

¹ Larry Dossey: médico norte-americano, autor de *As palavras curam* (São Paulo: Cultrix, 1996). (Nota da IHU On-Line)

em estados positivos.

A importância do enfrentamento

Aqueles que adotam posturas passivas, colocando-se nas mãos do destino e se iludindo com saídas mágicas, não sentem que contam com recursos de enfrentamento suficientes para superar a perda do ser amado. Aqueles — ao contrário — que podem contatar-se com seus recursos pessoais de enfrentamento religioso/espiritual poderão usá-los e sentir que são capazes de superar o estresse, os sentimentos de dor, angústia, tristeza e medo, podendo resolver problemas e encontrando sentimentos de paz, calma, tranqüilidade, otimismo e esperança a partir das práticas religiosas que realizam, de apoio social e /ou religioso que recebem de familiares, amigos, grupo de pares religiosos e clérigos, podendo, desse modo, atravessar situações negativas, crescer e, inclusive, sair fortalecidos de seu luto.

IHU On-Line - Como a religião e a fé ajudam a dar sentido e aceitação para a morte?

Laura Yoffe - Diante de situações-limite, como podem ser algumas situações de perdas — por morte — de seres queridos, o ser humano trata de encontrar sentido ao ocorrido. Overberg (2002) assinala que, ao afrontarmos situações dolorosas, tendemos a fazer as perguntas: “Por quê?” e “Por que o sofrimento?”. De maneira similar, o rabino Kushner (1981) — depois de ter sofrido a perda de um de seus filhos — levanta a dificuldade de encontrar sentido em situações-limite nas quais o ser humano busca outorgar sentido à perda sofrida a partir de sua consideração de um Deus amoroso e benevolente, ou de um Deus que castiga de maneira injusta, provocando a morte de um ente querido. Frente à dor e ao sofrimento, surge, então, a pergunta do porquê do feito trágico e o sentido do mesmo; já que o ser humano poderia suportar qualquer carga pesada se soubesse que há um sentido para ele. Segundo Kushner, as coisas ruins que nos acontecem não têm sentido quando passamos por elas, mas podemos outorgar-lhes algum significado *a posteriori* e assim

redimi-las da insensatez. As pessoas que sofrem o que consideram uma tragédia freqüentemente se perguntam: “Por que isso aconteceu comigo? O que eu fiz para merecer isso?”. Kushner afirma que perguntas desse tipo não têm respostas, razão pela qual ele sugere que nos perguntemos: “Agora que isso me aconteceu, o que farei a respeito?”.

Um tempo definido para o luto

O judaísmo – como religião e cultura de vida – considera que o tempo, os rituais, o consolo e o acompanhamento aos enlutados pode ajudá-los a conviver com a ferida sofrida pela morte e perda do ser querido. Segundo o Rabino Skorka (2006), reitor do Seminário Rabínico Latino-Americano, os rituais funerários e de luto judeu têm o significado profundo de ajudar na superação do luto constantemente. O fato de que no judaísmo se define um tempo para o pranto e para o luto busca assinalar que há um momento no qual está tudo bem em sentir dor; mas que, ao mesmo tempo, se deverá superar a dor, mantendo a ferida, porém buscando seguir adiante com a vida, sem manter-se na postura de estar sempre de luto.

Uma tomada de consciência do sofrimento

As idéias de Overberg (2002) são similares às de Kushner (1981) quando propõe a pergunta: “Como devo responder ao sofrimento?”. A idéia é de uma tomada de consciência do sofrimento para poder considerar temas relacionados com os aspectos político e econômico, que permitam solidarizar-nos com os demais, para encontrar modos de superação do sofrimento e de suas causas em todo o mundo. Segundo ambos os autores, a pessoa religiosa é aquela que confia em Deus e que poderá relacionar-se com os demais para pedir ajuda, assim como para oferecer ajuda aos demais a partir de um sentido de serviço e a partir de valores éticos como a caridade, a compaixão, a solidariedade e o altruísmo.

Reconhecer a dor para afrontá-la

O reconhecimento da dor e do sofrimento possibilita desenvolver diferentes condutas e atividades de enfrentamento religioso/espiritual, assim como de enfrentamento não religioso do luto, que poderão permitir aos enlutados alcançar uma maturidade mais profunda e uma sabedoria, sem conduzi-los a uma quebra do espírito humano. Uma atitude religiosa/espiritual é a de confiar em um Deus compassivo que ajudará a sair da situação de dor, isolamento e desesperança, permitindo agir com paz, otimismo e esperança, confiando que haverá uma saída da dor e da angústia, em que o tempo ajudará a curar as feridas, e a sair do luto mais fortalecido, com uma atitude mais amorosa e compassiva consigo mesmo e com os demais.

Retomar a luta do falecido

O padre Ignacio Pérez del Viso² (2006) destaca que aqueles que sofreram a perda de um ente querido não devem centrar-se em uma atitude de resignação, mas devem poder retomar os valores pelos quais a pessoa falecida trabalhou e lutou durante sua vida. O catolicismo romano, o metodismo e o judaísmo destacam valores como a fé e a esperança na vida e assinalam que o consolo aos enlutados passa por incentivá-los a manter e transmitir os valores pelos quais seu ser querido lutou em vida, para poder recordá-lo - não apenas a partir da tristeza e da dor da perda, mas a partir do que de positivo deixou como legado a ser transmitido para as novas gerações.

IHU On-Line - É possível nos prepararmos para a experiência da morte? Como?

Laura Yoffe - O budismo tibetano – como credo religioso e caminho espiritual – levanta a importância da preparação para a própria morte a partir da prática da meditação. Dalai Lama,³ Prêmio Nobel da Paz (1989), desta-

² Ignacio Pérez del Viso: sacerdote jesuíta, especialista em diálogo inter-religioso. (Nota da IHU On-Line)

³ Dalai Lama: líder político do Tibete. *Dalai* significa “Oceano” em mongol e “Lama” é a palavra tibetana para *mestre, guru*, e várias vezes referido por “Oceano de Sabedoria”, um título dado pelo regime mongoliano. (Nota da IHU On-Line)

ca a importância de pensar na morte e tê-la presente, não só para poder afrontá-la, mas também para fomentar ações que beneficiem a vida atual e as vidas futuras. Para quem não está acostumado a considerar a certeza da morte e que nem sequer menciona sua realidade, é provável que, quando se deparar com uma situação de doença terminal de um ente querido ou com a sua própria morte, sinta grande angústia, temor e confusão. O budismo tibetano defende que a meditação sobre a impermanência e a transitoriedade da vida é útil na preparação para afrontar a própria morte, assim como a dos seres queridos de maneira mais consciente e tranqüila. As distintas práticas espirituais budistas possibilitam desenvolver uma mente tranqüila, disciplinada e virtuosa, que permitirá afrontar a morte a partir de um estado de presença, de calma e de paz mental e espiritual. Deste modo, as pessoas religiosas e praticantes espirituais do budismo poderão se aprofundar em algo mais além da materialidade e da superficialidade da vida corporal e terrena, dando mais espaço ao cuidado da vida espiritual da alma, da mente ou da consciência, segundo as crenças religiosas e/ou espirituais as quais cada um aderir.

O sentido da vida está na possibilidade da morte

Tratar de compreender os mistérios da vida e da morte pode ser algo impossível, caso se pense a partir da realidade material da ciência, da psicologia e da medicina positivista; mas, se a consideramos de um ponto de vista espiritual, poderemos perceber o sentido da vida a partir da finitude marcada pela possibilidade de nossa própria morte e/ou da morte de um ser querido. Assim, poderemos apreciar e cuidar mais nossa saúde física, emocional, espiritual, nossa vida de relações e de tudo aquilo que consideramos prioritário a partir dos valores e da ética a qual aderimos. Conseqüentemente, com isso, poderemos escolher viver de acordo com um modo de vida autenticamente espiritual, que concorde com valores transcendentais e onde exista uma maior coerência

entre nossa vida material, nossa vida afetiva e nossa vida espiritual.

IHU On-Line - O que as tentativas da ciência e suas descobertas para prolongar a vida *ad infinitum* revelam sobre a forma como o ser humano lida com seu corpo e a transcendência?

Laura Yoffe - A ciência moderna tem produzido uma mudança no ponto de vista sobre a atitude diante da doença, do corpo e da morte. Anteriormente, a morte era vista como um processo natural e uma transição espiritual, pelo qual o médico administrava opiáceos ao paciente moribundo, enquanto este era acompanhado por um sacerdote ou uma pessoa religiosa que permanecia a seu lado, junto da família, fazendo orações para uma morte em paz. Aries (2000) assinala que — desde a segunda metade do século XIX — o ambiente em torno do doente na sociedade ocidental começou a ocultar-lhe a gravidade de seu estado, enquanto seus familiares — temerosos diante da iminência da morte — também lhe ocultavam a verdade, dizendo-lhe mentiras, com a intenção de proteger o doente da dura realidade de seu infortúnio. A partir da modernidade, se tem buscado evitar o mal-estar do doente, de sua família e de seu contexto; por isso, as pessoas já não tendem a morrer em suas casas, mas sozinhas, em uma sala de cuidados intensivos de algum hospital. Os médicos, convertidos em “amos da morte” (Aries, 2000), fazem de tudo para prolongar a vida dos doentes, para ocultar deles e de seus familiares qualquer sinal visível da morte. A morte tem se convertido em tabu, substituindo o tabu do sexo (Gorer, 1965).

A importância do transcendente

A partir da Psicologia Transpessoal, da Psicologia Positiva, da Tanatologia e dos Cuidados Paliativos, se levanta a importância do aspecto espiritual e transcendente do ser humano a partir da consideração da vida do espírito, da alma ou da consciência como algo tão importante como o cuidado do corpo. Da mesma maneira, quando a morte se torna

uma realidade mais próxima, é importante poder ajudar o doente terminal a despedir-se de sua vida, de seus familiares e amigos, aceitando a morte como uma passagem para outra dimensão desconhecida ou para o nada (para os ateus ou agnósticos). Aqueles que acreditam na transcendência da alma e podem atravessar um tipo de “luto antecipado” poderão desenvolver práticas religiosas/espirituais junto e/ou para seus entes queridos doentes, de maneira a ajudá-los para que o trânsito para a morte e o morrer seja o mais rápido e digno possível, sem que se busque prolongar a vida de maneira desnecessária, que implique maior sofrimento para o doente e seus familiares, além de custos econômicos impossíveis de serem custeados por eles.

Eutanásia: um direito

Muitos humanistas apóiam a idéia da eutanásia voluntária, já que consideram que os seres humanos são responsáveis por si mesmos e têm o direito de morrer dignamente no momento e do modo que escolherem. As religiões, na atualidade, têm um conceito de suicídio que não está relacionado com o pecado e com consequências eternas, como era antigamente. Todos estes temas deveriam ser considerados tanto à luz dos avanços das ciências médicas e psicológicas quanto também a partir dos valores éticos das diversas religiões — em geral — e das crenças e as práticas religiosas e espirituais do doente e sua família, de modo a respeitar as diferenças e a diversidade religiosa/ espiritual de cada um, assim como também os valores e as crenças das pessoas não-religiosas — em momentos tão transcendentais como são os da morte e o morrer.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Laura Yoffe - O sacerdote e psicólogo Anselm Grün⁴ (2000) se baseou nos aportes da Psicologia Salutogênica,⁵

⁴ Anselm Grün (1945): padre beneditino alemão. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Acentuando as origens da saúde e do bem-estar, Antonovsky cunha por salutogênese (do

desenvolvida por Antonovsky (1971), que — ao trabalhar com pacientes vítimas do Holocausto — comprovou que as mesmas experiências que provocavam o colapso e a enfermidade de umas pessoas permitiam a outras ser mais fortes e saudáveis. O referido autor estabeleceu um paralelo entre a psicologia e a espiritualidade, a partir do qual a psicologia fala com frequência dos recursos mentais, escondidos muitas vezes debaixo de uma grossa camada, que é necessário que seja descoberta. Cada um possui um núcleo interior repleto de energia e é preciso sentir calma para romper a camada que recobre o núcleo, para fazer florescer a vida que existe dentro de cada um de nós, e que dará seus frutos (Grün, 2006).

A cura espiritual

Jacobs (1999), como psicólogo pastoral, aplica as pesquisas de Antonovsky sobre Psicologia Salutogênica em seu trabalho com assistentes espirituais que, freqüentemente, se sentem esgotados pela tarefa que realizam. A prática de cura religiosa/espiritual é considerada como um método que permite a tomada de contato com os recursos pessoais e com os recursos sociais; e quem se alimenta destas duas fontes não sentirá estresse ao trabalhar, mas um desafio em sua tarefa de vida. Para Grün (2006), o processo de cura interior implica poder atravessar um processo de transformação pessoal, que poderá dar frutos a partir do desenvolvimento de virtudes que guiem a própria vida. Desse modo, o processo de cura espiritual poderá se assemelhar, em certa medida, a um processo psicoterapêutico, já que ambos permitiriam a tomada de consciência dos próprios recursos para desenvolver uma cicatrização das próprias feridas, assim como uma visão mais adequada de si mesmo, do mundo exterior e dos recursos positivos da pessoa humana.

latim: salus = saúde; e do grego: genesis= origens) a emergência de um novo paradigma (ANTONOVSKY, 1979). (Nota da IHU On-Line)

A importância do luto

A psicóloga Maria Helena Franco reitera a importância do processo do luto, destacando a importância de entendê-lo dentro de diferentes culturas, e analisa como as crianças vivem esse momento

POR MÁRCIA JUNGES

A importância do luto “reside na possibilidade de o indivíduo viver essa transição psicossocial, de maneira a poder incluí-la em sua vida sem a tentativa de anular a relação, mas, sim, para poder encontrar uma condição segura para ter essa mesma relação na vida que viverá dali para a frente”. A opinião é da psicóloga Maria Helena Pereira Franco, docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line, Franco falou sobre as diferenças culturais do luto, assinalando que uma postura de respeito a essas peculiaridades é extremamente importante, já que “têm razão de ser na tradição da comunidade”.

Psicóloga graduada pela PUCSP, Franco é mestre e doutora em Psicologia Clínica pela mesma instituição. Sua tese intitulou-se *Luto como uma crise familiar: uma abordagem terapêutica e preventiva*. Além de pós-doutora pela Universidade de Londres, Inglaterra, é autora de *A psicoterapia em situações de perdas e lutos* (Campinas: Editorial Psy, 1994) e organizadora de *Uma jornada sobre o luto* (Campinas: Editora Livro Pleno Ltda, 2002), *Nada sobre mim sem mim: estudos sobre vida e morte* (Campinas: Livro Pleno, 2005) e *Temas em Psicooncologia* (São Paulo: Summus, 2008).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Por que o luto é importante?

Maria Helena Franco - O luto é uma experiência natural e esperada, em resposta ao rompimento de um vínculo. Portanto, sua importância reside na possibilidade de o indivíduo viver essa transição psicossocial, de maneira a poder incluí-la em sua vida sem a tentativa de anular a relação, mas, sim, para poder encontrar uma condição segura para ter essa mesma relação na vida que viverá dali para a frente.

IHU On-Line - Qual é o seu papel em termos de resiliência?

Maria Helena Franco - Poderemos dizer que o luto é um dos cenários onde a resiliência se expressa. Esta é um recurso interessante e importante para o enlutado vivenciar a experiência e construir sua vida a partir dela.

IHU On-Line - Tomando suas pesquisas em consideração, quais são as principais diferenças culturais que

se apresentam no luto?

Maria Helena Franco - São inúmeras as diferenças culturais, e estas não podem ser ignoradas. Elas baseiam-se nas práticas e crenças relacionadas à morte e ao morrer e se expressam em ações no âmbito social, religioso e/ou familiar. Referem-se ao tempo de duração do luto, aos comportamentos esperados para esse período, a diferentes posições dos enlutados em uma escala hierárquica referente à perda. Considero extremamente importante que se tenha uma atitude de respeito pelas diferenças culturais, porque elas têm razão de ser na tradição da comunidade (muitas vezes pelo peso do costume, passado intergeracionalmente) e quaisquer pesquisadores ou clínicos que se debrucem sobre o fenômeno devem ter em mente essa postura de respeito.

IHU On-Line - E, nos casos dos enlutados por violência, o que você destacaria como importante?

Maria Helena Franco - Destaco a neces-

sidade de se construir – ou re-construir – uma base de apoio que lhes ofereça segurança a essas pessoas. É preciso chegar a uma condição de compreender o acontecido e sua participação de profissionais de diversas áreas do conhecimento, como psicologia, direito, serviço social.

IHU On-Line - Em regra geral, como as crianças encaram a morte e o luto?

Maria Helena Franco - As crianças tendem a encarar a partir do que o meio adulto lhes oferece de informação e condições de segurança, a partir de suas possibilidades, levando-se em conta seu desenvolvimento cognitivo e emocional. É importante destacar que as crianças ficam enlutadas, porém, à sua maneira, que é diferente da dos adultos, e não se pode negar a elas o direito de receber informação e asseguramento.

IHU On-Line - Você acredita que a morte é negada em nossos tempos? Por quê?

“As crianças ficam enlutadas, porém, à sua maneira, que é diferente da dos adultos, e não se pode negar a elas o direito de receber informação e asseguramento”

Maria Helena Franco - A morte é negada nas sociedades que privilegiam uma relação de dominação em relação à vida e não de fruí-la como uma experiência passageira. É essa postura que encontramos nas sociedades ocidentais pós-modernas. Não se pode negar a importância dos avanços da ciência quanto ao tratamento e à cura de muitas doenças, mas não se pode confundir estas possibilidades com uma relação de poder que se estabeleça sobre a condição humana.

IHU On-Line - Se a morte é negada, como isso acontece?

Maria Helena Franco - O que se vê é uma atitude de desqualificar a importância da vivência daquela morte, do impacto que causa nos indivíduos. Concretamente, isso se manifesta em atitudes de pressa na execução dos funerais, na tentativa de continuar como se nada tivesse acontecido e em outras formas de tabu.

IHU On-Line - De que forma a morte pode despertar vida e solidariedade em quem ficou?

Maria Helena Franco - Como parte do processo de luto, pode-se esperar que o indivíduo enlutado refaça alguns de seus conceitos. Participar de ações que promovam a vida, que impeçam que outras pessoas sofram em função de perdas semelhantes, é uma maneira muito produtiva para que isso aconteça. Participar de grupos que trabalhem com prevenção de violência, por exemplo, seja ela doméstica ou urbana, e apoiar pesquisas para identificar maneiras adequadas para lidar com o luto e os riscos de desenvolver luto complicado são expressões desse desejo de ser solidário.

Lidar com a morte, manipulando nossos mecanismos de memória

Familiares de quem morreu costumam crer em algum tipo de transcendência, e que a pessoa continua existindo em algum lugar. Por isso, cultivam a individualidade de quem se foi, assinala Fábio Augusto Steyer

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com o historiador e jornalista Fábio Augusto Steyer, “as relações do homem com a morte (ou as atitudes humanas diante dela) presentes nos cemitérios das cidades gaúchas Santo Antônio da Patrulha e Caraá, podem ser observadas e analisadas a partir dos epitáfios, objetos colocados nos túmulos, arquitetura tumular, estatuária, disposição espacial dos cemitérios, entre muitas outras coisas”. Ele destaca que, em larga medida, existe uma postura de negar a morte “como fim último da existência, a partir da necessidade de crença em algum tipo de transcendência”. Acontece, também, “a afirmação da individualidade do morto. As pessoas querem acreditar que o morto continua existindo em algum lugar, depois da morte, e mantendo a mesma individualidade que tinha na terra”. As afirmações fazem parte da entrevista exclusiva concedida por Steyer à IHU On-Line, por e-mail.

Steyer é graduado em Jornalismo, Letras e História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pela mesma instituição, é especialista em Produção Cinematográfica e mestre em História. Em seu doutorado em Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendeu a tese *A estrada perdida de Telmo Vergara*. De sua produção bibliográfica, citamos *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre – 1896-1930* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001) e *Ser disperso* (Porto Alegre: WS Editor, 2003). Na obra *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia* (2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008), organizada por Harry Rodrigues Bellomo, colaborou com o capítulo “Manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul”.

IHU On-Line - Quais são as representações e manifestações antropológicas da morte que você detectou com sua pesquisa em cemitérios gaúchos?

Fábio Steyer - As manifestações são as mais variadas, e muitas diferenças e semelhanças podem ser encontradas nas diferentes regiões do estado. Para sua análise, se deve levar em conta principalmente as características culturais de cada região, que envolvem questões de imigração (alemã, italiana, polonesa etc.), religiosas, entre outras. De qualquer forma, as relações do homem com a morte (ou as atitudes humanas diante dela) presentes nos cemitérios podem ser observadas e analisadas a partir dos epitáfios, objetos colocados nos túmulos, arquitetura tumular, estatu-

DIVULGAÇÃO



ária, disposição espacial dos cemitérios, entre muitas outras coisas.

IHU On-Line - O que as inscrições tumulares revelam sobre as concepções de morte do homem contemporâneo?

Fábio Steyer - A postura predominante é de negação da morte como fim último da existência, a partir da necessidade de crença em algum tipo de transcendência (especialmente a religião cristã, com seus preceitos) e da afirmação da individualidade do morto. As pessoas querem acreditar que o morto continua existindo em algum lugar, depois da morte, e mantendo a mesma individualidade que tinha na terra. Como já disse Edgar Morin,¹ existe uma necessidade antropológica da parte do homem em acreditar que a morte não é o fim de tudo. Mesmo que não exista consenso sobre seu real significado. Dessa forma, vemos inscrições que supervalorizam a biografia do morto, destacando apenas suas qualidades, e nunca seus defeitos, além de aspectos marcantes de sua vida, como a profissão, por exemplo. Você nunca vai encontrar uma inscrição que diga que fulano traía a mulher, batia nos filhos. Mas sempre que foi bom marido, pai zeloso. Além disso, os epitáfios normalmente têm a função antropológica de “tranqüilizar” a família, dizendo que o morto está bem, em algum lugar da eternidade. É muito comum um tipo de epitáfio em primeira pessoa, como se o próprio morto estivesse falando com a família e a tranqüilizando. Também há epitáfios em que a família se dirige ao morto, como que estabelecendo algum tipo de “comunicação” com ele. Faz parte dessa nossa necessidade antropológica

¹ Edgar Morin: sociólogo francês, autor da célebre coleção *O método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre “O método”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (São Paulo: Bertrand Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

para lidar com a morte, manipulando nossos mecanismos de memória.

IHU On-Line - Como essas inscrições tumulares se relacionam com a preservação da memória do falecido?

Fábio Steyer - Remeto à questão anterior. É a supervalorização da biografia do morto. Se é jogador de futebol, isso aparece no epitáfio. Se foi advogado, já vimos a placa do escritório de advocacia colocada no mausoléu. Se teve morte trágica, faz-se questão de colocar isso no epitáfio. E assim se preserva a memória do morto, aquilo em que ele se destacou durante a vida. E, como já destaquei, há aquela questão de manipular os mecanismos de memória, colocando no epitáfio (e não apenas ele exerce essa função, mas o túmulo como um todo, com os objetos colocados) apenas aquilo que se quer lembrar na hora do culto ao morto, geralmente apenas as coisas boas.

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre os túmulos de crianças de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, e os de adultos?² Há peculiaridades entre as formas de marcar a memória do falecido se ele é adulto ou criança?

Fábio Steyer - Faz tempo que visitei os cemitérios de Santo Antônio e hoje muita coisa deve estar diferente. Contudo, de um modo geral, sem dúvida há diferenças marcantes. Algo muito comum não só no estado, mas por todo o país, são as fotos de crianças mortas colocadas nos túmulos. É algo tétrico, mas normalmente são recém-nascidos que não haviam tirado nenhuma foto. Então se tira uma foto da criança no caixão, ou mesmo tenta se disfarçar a foto, como se ela estivesse ainda viva, mas analisando bem se vê que já está morta. Há também os túmulos das crianças “sem nome”, também recém-nascidos que são enterrados

² O resultado da pesquisa realizada sobre os cemitérios integra a publicação *Cemitérios no Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia* (2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008), o qual contém uma coletânea de artigos dos membros do grupo de pesquisa “Arte Cemiterial no Rio Grande do Sul”. Steyer realizou, também, um estudo comparativo das manifestações das relações homem-morte presentes nos cemitérios de Santo Antônio da Patrulha e alguns de seus municípios descendentes, que integra a obra *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caráá* (Porto Alegre: EST, 2000). (Nota da IHU On-Line)

nos jazigos da família. Então aparece lá: “um membro da família”. E também há o caso do “nome que não vingou”. No caso, a mulher tem problemas para engravidar, e perde vários bebês. Então, encontramos uma série de túmulos, um ao lado do outro, com o mesmo nome, todos de bebês recém-nascidos. A família dá a todos o mesmo nome, pois foi o nome que “não vingou”. Fora isso, tem aquela coisa, que até hoje me impressiona bastante, de colocar os brinquedos das crianças nos túmulos, ou até mesmo chocolates (na época de Páscoa, como encontramos certa vez em Gramado e Canela), tratando a criança como se ela estivesse viva.

IHU On-Line - Nesse sentido, como a morte é interpretada por determinadas culturas, como, por exemplo, a gaúcha?

Fábio Steyer - Seja numa concepção cristã mais tradicional ou mais frouxa, temos essa necessidade antropológica de negar a morte e crer em algum tipo de transcendência, mantendo a individualidade do morto. Isso é a base de tudo. O afrouxamento de que falo diz respeito a um certo desligamento dos valores cristãos mais tradicionais. Assim, quanto mais recentes os túmulos, mais comum é vermos menos epitáfios com textos bíblicos ou referências aos preceitos cristãos, e mais epitáfios que valorizam a individualidade do morto, a sua biografia, ou formas mais individuais de ligação com o lado religioso e espiritual. Além disso, os símbolos cristãos (estátuas de santos e anjos, símbolos como a palma, a pomba e tantos outros) têm seu significado original esvaziado, sendo para as famílias muito mais apenas adornos para os túmulos do que símbolos ligados ao cristianismo e sua visão de vida e morte.

IHU On-Line - Alguns estudiosos afirmam que o homem contemporâneo posterga e nega a morte ao recorrer a expedientes que o mantêm sempre jovem. Há uma fuga da morte em nossos tempos?

Fábio Steyer - Vou citar mais um exemplo que evidencia isso. É muito comum que pessoas que morrem bastante idosas coloquem no túmulo fotografias de quando eram bem mais jovens. Sem dúvida, isso é a negação da morte.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

A recessão é inevitável

Na avaliação do economista Paulo Sandroni, independentemente das medidas adotadas para estabilizar a economia mundial, chegou o momento de repensar a fragilidade do sistema financeiro internacional e o americano, causador da crise

POR PATRICIA FACHIN

Acada semana, novas medidas são apresentadas para tentar conter a quebra de uma sistemática de bancos que estão à beira da falência. As decisões tomadas até então impediram que a situação instalada se agravasse, mas, considerando a dimensão da crise financeira internacional, “uma recessão é inevitável”, avalia Paulo Sandroni, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Na entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, Sandroni afirma que a confiança no mercado só será retomada se houver uma forte regulação, e a tranquilidade econômica, aponta, está prevista para 2011. Sobre o futuro das economias capitalistas, ele é enfático: elas terão “um crescimento muito baixo”. O Brasil, por outro lado, “tem condições de superar certas dificuldades, pois acumula reservas e seu setor financeiro não está muito exposto aos riscos”, considera.

Mestre em Economia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sandroni é professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Entre suas obras, citamos *Dicionário de administração e finanças* (Rio de Janeiro: Best Seller, 1996), *Dicionário de economia do século XXI* (Rio de Janeiro: Record, 2006) e *Traduzindo o economês. Para entender a economia brasileira na época da globalização* (Rio de Janeiro: Best Seller, 2006).

IHU On-Line - Os pacotes de ajuda financeira lançados pelos EUA, União Européia e Inglaterra não conseguiram sanar a crise. Que medidas são prudentes, nesse momento, para conter a instabilidade financeira? O mercado conseguirá elevar novamente os níveis de confiança?

Paulo Sandroni - Creio que o importante agora é evitar a quebra de bancos. Os pacotes europeus, inglês e norte-americano impediram que isso acontecesse. Mas uma recessão é inevitável. Depois de algum tempo, dois ou três anos, a confiança poderá retornar se medidas regulatórias duras forem tomadas.

IHU On-Line - Que custos essa crise vai causar aos Estados? Salvar instituições privadas que estão à beira da falência, com dinheiro público, ainda é pertinente?

Paulo Sandroni - É o custo de quem tem uma única saída. A alternativa de deixar os bancos falirem seria desastrosa.

IHU On-Line - Qual será o destino das economias capitalistas, nos próximos anos?

Paulo Sandroni - Ter um crescimento muito baixo, e tentar a recuperação com forte intervenção estatal com programas de estímulo ao investimento mantendo a demanda efetiva.

IHU On-Line - O senhor diz que o Brasil já está sendo atingido pela crise. Que implicações a economia brasileira vai sofrer a partir desse momento? O país tem condições de enfrentá-la?

Paulo Sandroni - O Brasil já foi atingido no setor de crédito, especialmente o comércio exterior e à agropecuária.

Creio que o país tem condições de superar certas dificuldades, pois acumula reservas e seu setor financeiro não está muito exposto aos riscos, portanto deverá ser preservado. Mas, se a crise se aprofundar, creio que também teremos uma forte retração.

IHU On-Line - Com o decréscimo da economia chinesa, o senhor diz que a indústria brasileira será bastante prejudicada com a crise. Em que medida a desaceleração da economia brasileira pode gerar, novamente, uma desindustrialização no país?

Paulo Sandroni - Não creio que a indústria sofrerá um golpe tão forte. Mas é claro que, com a desaceleração da economia chinesa, nossas exportações, que estavam crescendo para aquele país, sofrerão uma retração, e todas as atividades atreladas a este setor

“Não creio que exista um projeto econômico e político para o Brasil. O que deve ser repensado é a situação de fragilidade do sistema financeiro internacional, especialmente o americano, que provocou a crise”

também sofrerão forte desaceleração.

IHU On-Line - Os índices mostram que várias empresas estão cancelando investimentos no Brasil, e outras, além de darem férias coletivas, já demitiram muitos funcionários. Que consequências o senhor vislumbra para o emprego e a distribuição de renda no país, a partir desses indicativos?

Paulo Sandroni - Em momentos de forte retração da economia, o desemprego normalmente aumenta e a distribuição de renda sofre uma piora. Isto já aconteceu antes no Brasil, especialmente no início dos anos 80.

IHU On-Line - Nesse momento, é necessário repensar um projeto econômico e político para o país? Qual seria?

Paulo Sandroni - Na verdade, não creio que exista um projeto econômico e político para o Brasil. O que deve ser repensado é a situação de fragilidade do sistema financeiro internacional, especialmente o americano, que provocou a crise.

IHU On-Line - As teorias econômicas ainda são eficientes para explicar e compreender o atual momento de turbulência?

Paulo Sandroni - Creio que as teorias econômicas existentes são capazes para explicar e compreender a crise, especialmente o enfoque keynesiano,¹ e mais recentemente as contribuições de Hyman Minsky.² O que a teoria não

¹ Sobre Keynes e a crise econômica, confira a edição nº 276, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*, de 06-10-2008. (Nota da IHU On-Line)

² Hyman Minsky (1919-1996): economista norte-americano. É dele a hipótese da instabilidade financeira do capitalismo, desenvolvida a partir de uma reinterpretação da obra de Keynes. A abordagem pós-keynesiana de Minsky é baseada no reconhecimento da importância

tem condições é de prever o que irá acontecer com razoável precisão.

IHU On-Line - A instabilidade do mercado financeiro levará a economia mundial a uma recessão sem precedentes?

Paulo Sandroni - Não sei se sem precedentes, pois a de 1929 reduziu o PIB americano quase pela metade. Mas o que sabemos hoje é que ela será muito forte.

da formação das expectativas dos agentes que intervêm do lado da oferta e da procura de crédito. A importância das expectativas dos agentes resulta da incerteza fundamental que rodeia o perfil presente e futuro da rentabilidade e do risco dos projetos de investimento em ativos financeiros e de capital. Neste contexto, os agentes são influenciados por convenções na sua tomada de decisão. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

Sobre o tema da crise financeira internacional, confira mais entrevistas realizadas pela IHU On-Line, disponíveis para *download* no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, www.unisinos.br/ihu.

* *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes.* IHU On-Line nº 276, de 06-10-2008.

* *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx.* IHU On-Line nº 278, de 20-10-2008.

* “Ninguém sabe, na realidade, até onde a crise pode chegar”. Entrevista especial com André Biancareli, publicada nas *Notícias do Dia*, de 10-10-2008;

* *Soluções para a crise financeira? Uma questão política e jurídica que esbarra nos limites do capitalismo.* Entrevista especial com André Lourenço, publicada nas *Notícias do Dia* de 17-10-2008;

* *Ainda que seja inevitável que a economia brasileira sofra com essa crise, ela tem boas condições para enfrentá-la.* Entrevista especial com Simone de Deos, publicada nas *Notícias do Dia* de 18-10-2008;

* “Para evitar novos danos no futuro, os mercados financeiros precisam ser regulamentados”. Entrevista especial com Thaiza Regina Bahry, publicada nas *Notícias do Dia* de 23-10-2008.

ACESSE O SÍTIO DA FUNDAÇÃO ÉTICA
MUNDIAL NO BRAIL
WWW.UNISINOS.BR/IHU/ETICAMUNDIAL

IHU e Fundação Ética Mundial: o desafio conjunto de responder à busca pela paz

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Neste ano, a comemoração dos sete anos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU será marcada, especialmente, pela inauguração oficial do primeiro Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, no próximo dia 29, no IHU. O projeto, em parceria com a Fundação Ética Mundial internacional (*Weltethos Stiftung*, no alemão) e o Centro de Cooperação Internacional Brasil-Alemanha da Universidade Federal do Paraná (CCIBA-UFPR), desembarca no Brasil para colaborar com a difusão da idéia de uma “Ética Mundial”.

Para saudar o novo escritório, o presidente da Fundação, o teólogo suíço Hans Küng, um dos mais renomados professores universitários da cena intelectual alemã, enviou uma vídeo-mensagem gravada especialmente para o evento, que será transmitida aos convidados na noite da quarta-feira, no IHU. Küng esteve no Brasil em outubro de 2007, quando a Unisinos, sob a coordenação do IHU, em parceria com a Universidade Federal do Paraná, organizou o “Ciclo de Conferências Ciência e Fé – Por uma Ética Mundial”. A partir dessa visita, a idéia de se abrir um escritório da Fundação no Brasil pôde se concretizar no câmpus da Unisinos.

O escritório da Fundação de Ética Mundial no Brasil se encontra em profunda relação com o texto-base “Gênese, missão e rotas” do IHU. Conforme afirma o documento, o Instituto assume a ética como um dos grandes eixos orientadores de sua reflexão e ação. “Sabendo que o mundo ético não é uma dádiva da natureza, mas uma dura conquista da civilização – diz o texto –, o Instituto quer participar proativamente,

por meio de todas as suas atividades em uma tarefa capaz de gerar uma nova arte de viver e uma nova produção de si para contribuir para a transformação social”.

Dentro dessa perspectiva, o novo escritório da Fundação terá como um de seus objetivos principais promover e difundir a pesquisa científico-religiosa dos fundamentos das religiões. Isso será possível por meio de publicações científicas voltadas ao entendimento intercultural, inter-religioso e interconfessional, além de atividades formativas interculturais e inter-religiosas e por meio do encontro intercultural e inter-religioso, ações que o IHU já vem realizando desde a sua fundação e que agora recebem esse importante apoio internacional.

A Fundação Ética Mundial nasceu em 1995, a partir da obra *Projeto de Ética Mundial*, de Hans Küng. No livro, Küng aprofunda o debate ético, propondo em seu projeto de Ética Mundial, três grandes pilares: não há paz entre as nações sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões; e não há diálogo entre as religiões sem pesquisa sobre os fundamentos das religiões.

À época, Karl Konrad, conde de Groeben, na Alemanha, tomou contato com a obra e decidiu apoiar a difusão da idéia de uma “Ética Mundial”. Com sua ajuda, foi possível garantir o trabalho de uma equipe de pesquisa, dirigida por Hans Küng, ao serviço de uma ética universal.

Desde sua criação, a Fundação estendeu suas atividades aos mais di-

versos âmbitos da sociedade, como a academia, a economia e a política, e despertou grande interesse, inclusive na ONU. A base programática do trabalho da Fundação é a “Declaração sobre Ética Universal”, assinada pelos membros do Parlamento das Religiões do Mundo, em 1993, em Chicago, Estados Unidos. A assinatura do documento por delegados e delegadas de todas as religiões e de todos os continentes do mundo foi uma das grandes conquistas da Fundação.

Por meio da declaração, pela primeira vez na história, representantes de todas as religiões alcançaram um acordo sobre princípios para uma ética global e se comprometeram com quatro diretrizes irrevogáveis, que se concretizam no compromisso com uma cultura: da não-violência e do respeito à vida; da solidariedade e de uma ordem econômica justa; da tolerância e de uma vida de autenticidade; e da igualdade de direitos e do companheirismo entre homens e mulheres.

A redação da carta, elaborada por Hans Küng e pela equipe do Instituto de Pesquisa Ecumênica da Universidade de Tübingen, na Alemanha, deu-se com base em um processo inter-religioso de pesquisa e consulta.

Ao longo do tempo, novos escritórios da Fundação foram sendo inaugurados: na Suíça, em 1996; na República Tcheca, em 1999; na Holanda, no ano 2000; na Áustria, em 2001; no México e na Colômbia, em 2006. E agora, em 2008, no Brasil.

Mais informações, pelo sítio www.unisinos.br/ihu/eticamundial ou pelo e-mail eticamundial@unisinos.br.

Entrevista da Semana

“A Fundação Ética Mundial está chegando na hora certa ao Brasil”

O vice-presidente da Fundação Ética Mundial internacional, Karl-Josef Kuschel, congratula a inauguração do primeiro escritório da fundação no Brasil, em parceria com o IHU

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Quando, na noite da próxima quarta-feira, 29, o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil for oficialmente inaugurado, a Fundação internacional, com sede na Alemanha, terá conquistado, pelo menos, dois grandes objetivos: instituir seu primeiro escritório no mundo de língua portuguesa e, acima de tudo, na maior nação de solo latino-americano. Essa é a opinião do teólogo e vice-presidente da Fundação, Prof. Dr. Karl-Josef Kuschel, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

Essa conquista ocorre graças à parceria entre o Instituto Humanitas Unisinos (IHU), a Fundação Ética Mundial internacional (Stiftung Weltethos, no alemão) e o Centro de Cooperação Internacional Brasil-Alemanha da Universidade Federal do Paraná (CCIBA-UFPR). O novo projeto, que fará parte do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, irá colaborar com a difusão da idéia de uma “ética mundial”, desenvolvida, primeiramente, na obra *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana* (São Paulo: Paulinas, 1992), do teólogo suíço Hans Küng, um dos mais renomados professores universitários da cena intelectual alemã e atual presidente da Fundação.

Já tendo ultrapassado fronteiras e mares, a Fundação chegou a diversos países, como Suíça, República Tcheca, Holanda, na Áustria, México, Colômbia e agora o Brasil. “Ela não quer dirigir-se apenas a pessoas religiosas, mas também a não-religiosas e seculares”, afirma Kuschel. Segundo ele, “sobre valores fundamentais, tanto pessoas crentes como não-crentes podem entender-se e cooperar para o bem da sociedade”. E afirma: “Neste sentido, em face do novo pluralismo no Brasil, a instituição da Fundação está chegando na hora certa”, também para dar orientação a “uma nova geração de pessoas de formação acadêmica, jovens, homens e mulheres”.

Karl-Josef Kuschel é teólogo e vice-presidente da Fundação Ética Mundial, atividade integrada à de seu antigo mestre e atual interlocutor, Hans Küng, de quem havia sido assistente científico por duas décadas, até 1989. Titular da cátedra de Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-Religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen, Alemanha, Kuschel é internacionalmente reconhecido na área do diálogo inter-religioso entre judeus, cristãos e muçulmanos e na relação entre teologia e literatura. Doutor honoris causa pela Universidade de Lund, na Suécia, é autor de mais de 40 livros, dentre os quais *Os escritores e as escrituras* (São Paulo: Loyola, 1999), *Discordia en la casa de Abraham. Lo que separa y lo que une a judíos, cristianos e musulmanes* (Navarra: Verbo Divino, 1996) e *Juden, Christen, Muslime. Herkunft und Zukunft* (Düsseldorf: Patmos, 2007).

Kuschel também é autor de dois artigos publicados nos **Cadernos Teologia Pública** do Instituto Humanitas Unisinos – IHU intitulados *Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* (n° 21, de 2006) e *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* (n° 28, de 2007).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Qual a importância do novo escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil?

Karl-Josef Kuschel - O significado nem pode ser apreciado com suficientes enaltecimentos. Até agora, só houve escritórios da Fundação Ética Mundial no âmbito europeu e no de língua espanhola. Por exemplo, na Alemanha e na Suíça, bem como no México e na Colômbia. Agora foi possível instituir também uma Fundação no mundo de língua portuguesa e acima de tudo na maior nação de solo latino-americano. Isso merece o máximo de consideração. Os amigos brasileiros merecem todo o apoio.

IHU On-Line - Este será o primeiro escritório no Brasil, considerado o “país mais católico do mundo”, com enormes diferenças econômicas, religiosas e sociais. Qual será a contribuição da Fundação para o debate ético entre as religiões e a sociedade brasileira?

Karl-Josef Kuschel - Você tem razão. O Brasil é um país profundamente marcado pelo catolicismo. Porém, ao mesmo tempo também uma nação ideológica e religiosamente plural, como muitos ainda acreditam na Europa. Desde o século XIX, há uma forte participação de secularismo e de laicismo, principalmente entre as elites cultas do país. Desde fins do século XX, igrejas carismáticas e movimentos de origem protestante conquistaram sempre mais adeptos. Ao mesmo tempo, a sociedade sofre sob fortes tensões sociais e econômicas. Nesta situação, apoiada em seu documento básico, a “Declaração sobre Ética Universal” do Parlamento das Religiões Mundiais de 1993, a Fundação pode dar impulsos para um discurso social baseado na ética. Porque o Projeto de Ética Mundial de modo expresso não quer apenas dirigir-se a pessoas religiosas, mas também a não-religiosas e seculares. Sobre valores fundamentais, tanto pessoas crentes como não-crentes podem entender-se e cooperar para o bem da sociedade. Neste sentido, em face ao novo pluralismo no Brasil, a instituição da Fundação está chegando na hora certa.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios no Brasil com os quais a Fundação pode ajudar a responder com seus projetos e atividades?

Karl-Josef Kuschel - O grande desafio da Fundação Ética Mundial Brasil consistirá, através da formação e educação, em criar uma nova consciência no sentido de que vivemos num mundo não só econômica e ecologicamente, mas também ecumênica e inter-religiosamente amalgamado. As religiões mundiais compartilham valores comuns. Nenhuma religião tem pretensão de exclusividade. Esta ação formativa e educadora não se restringe às elites acadêmicas. Ela deve começar bem embaixo, na base das comunidades e das escolas. A Fundação Ética Mundial Alemanha realizou aqui uma grande atividade prévia. Foi elaborado um grande manual, “Ética mundial na escola”, com o qual professoras e professores podem transpor a temática da ética mundial a todos os tipos e níveis escolares. Será uma importante tarefa dos amigos brasileiros transferir esse manual para as condições e circunstâncias brasileiras. Cada professora e cada professor da nação devem saber que no tema da Ética Mundial não estão sozinhos e que podem receber introduções e materiais da Fundação em São Leopoldo.

IHU On-Line - Como pode a Fundação colaborar no debate ecumênico e inter-religioso no Brasil, de modo a se criar uma melhor relação entre nossas religiões?

Karl-Josef Kuschel - O Projeto de Ética Mundial, desde o começo, não foi um projeto confessional, mas ecumênico. Os valores, que são tornados conscientes na explicação sobre a ética mundial, são compartilhados por todos os cristãos e também por não-cristãos. A era do confessionalismo passou, mesmo que alguns desejem reinstaurá-la. Hoje, os cristãos devem dar respostas conjuntamente aos desafios da época. O papa Bento XVI reconheceu isso explicitamente. Em setembro de 2005, poucos meses após sua eleição ao papado, ele recebeu o professor Hans Küng,¹ que ele também conhece

¹ De 21 a 26 de outubro de 2007, aconteceu o Ciclo de Conferências Ciência e fé – Por uma Ética Mundial, com a presença de Hans Küng, no câmpus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de Ética Mundial”. Por ocasião da sua visita ao Brasil, foi publicada a revista *IHU On-Line* número

240, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*; o *Cadernos Teologia Pública* n° 33, de 2007, intitulado *Religiões mundiais e Ethos mundial*, de autoria do próprio Hans Küng; e diversas entrevistas sobre o tema, disponíveis no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) no link “Publicações”, em “Fórum de Ética Mundial”. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O que a Fundação internacional espera do debate ético no Brasil, por meio de sua presença na Unisinos e na comunidade acadêmica?

Karl-Josef Kuschel - A Fundação Brasil tem agora a grande chance de incentivar no Brasil novos discursos em questões éticas - partindo das elites acadêmicas, com o olhar nos desafios que provêm através das Ciências Naturais, da Técnica, Economia, Ecologia. Esses discursos podem, agora, receber nova força com base nos valores do Projeto de Ética Mundial. É preciso conseguir conquistar pensadores brasileiros que saibam conectar teoria e prática para a situação específica no Brasil. Pesquisa científica básica e discursos públicos se interconectam. O Brasil é uma nação “jovem”. Uma nova geração de pessoas de formação acadêmica, jovens homens e mulheres buscam orientação. Dar-lhes esta orientação é um grande desafio à Fundação Ética Mundial Brasil. Nós, da Fundação Ética Mundial Alemanha apoiaremos nossos amigos brasileiros dentro de nossas forças.

240, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*; o *Cadernos Teologia Pública* n° 33, de 2007, intitulado *Religiões mundiais e Ethos mundial*, de autoria do próprio Hans Küng; e diversas entrevistas sobre o tema, disponíveis no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) no link “Publicações”, em “Fórum de Ética Mundial”. (Nota da IHU On-Line)

Invenção

Editoria de Poesia

Fabrício Marques

POR ANDRÉ DICK

O poeta Fabrício Marques nasceu em Manhuaçu (MG), em 1965. Publicou, na área de poesia, *Samplers* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000) e *Meu pequeno fim* (Belo Horizonte: Scriptum, 2002). Como crítico, publicou *Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski* (Belo Horizonte: Autêntica, 2001) e *Dez conversas* (Belo Horizonte: Gutenberg, 2004), este apresentando entrevistas com vários poetas brasileiros contemporâneos.

Se em *Samplers*, o diálogo mais evidente é com Leminski e com a poesia marginal, no uso elíptico e bem-humorado dos versos — lembrando-se que Fabrício estudou o poeta paranaense —, *Meu pequeno fim*, embora também musical e sintético em grande parte, já mostra uma faceta com estruturas mais variadas. Por exemplo, em “A tartaruga tartamuda”, Fabrício escreve: “deixem passar, abram alas amiúde / à tartaruga que, de ruga em ruga, / só pede calma ao tempo, tartamuda, / pra aprender a envelhecer dentro / da juventude, de ruga em ruga”. Já em “Encantamento pelo samba”, se faz presente o mesmo traço labiríntico de sons presente em Leminski, mas um corte mais denso: “a poesia está com tudo / e não está prosa / / a poesia / não tem pressa / não tem prazo / não tem glosa / / a poesia / está em ramos / está em rosa / / rima petrosa / texto veludo / escrita porosa / / quem / por acaso / mantém / acesa / a brasa / /

e vibrando / a brisa / da história / / prima / por ser / vazada / de / proeza / e glória / / a poesia / está em tudo / e não é prosa”. Nesse poema rápido e sugestivo, Fabrício, de forma metalingüística, se refere não só a Leminski (na mistura entre poesia e prosa), mas a Guimarães Rosa e Dante (quando fala nas rimas petrosas). De modo geral, aliás, Fabrício estabelece um diálogo entre os poetas, como no poema “Murilo Mendes encontra Henri Michaux”: “— Meu nome é Murilo, / mas pode me chamar / de abismo com espáduas. / /— Também sou carregado de enigmas. / Movimento no movimento, / salto no Nada”. Nesse caso, Fabrício estabelece uma definição do poeta mineiro e do poeta belga por meio de versos sintéticos.

Sentido menos musical, de perda

Lado a lado com essa vertente mais musical e bem-humorada, há uma poesia de Fabrício com um sentido menos musical, de perda, como em “Poema teleológico” (d’après Dante Milano): “De onde você veio / Há uma coisa branca / De carne, de luz. / / Pra onde você vai / Há uma noite funda / Fria e sem Deus. / / De onde você veio / Há talvez um seio, / Talvez um ventre; / / Talvez um braço / Onde repousar, / Pra onde você vai. / / Nenhum problema filosófico / De onde você veio; / Há uma gruta / Pra onde você vai. / / Há o fim do mundo de

onde você veio, / Há uma praia deserta (tudo é exílio) / pra onde você vai. / [...] / Há luzes brilhando / Com intensidade tamanha / Que não consigo mais ver / De onde você veio / Pra onde você vai”. Ou em “Posso estar errado”, que mostra uma harmonia entre o dia e a noite: “Posso estar errado, / Mas há uma hora / Em que os contrários se conciliam / / ‘extremos / chamando extremos na distância’ / / Lá onde luz e treva são sinônimos / / Início e fim / trocam de lugar / / claro-escuro / branco breu / dia noctâmbulo / rir dorido / / Posso estar errado”. Ou em “Reverberação”: “um estampido / que arromba um domingo de chumbo / no mundo / / nesses dias / em que até o maior triunfo / soa como perda”. Neste, a sonoridade das palavras (“chumbo”, “mundo” e “triunfo”, por exemplo) aparecem para acentuar a vinda da “perda” — e a perda da sonoridade. Tais poemas, também, podem ser vistos como mais “prosaicos” (com rigorosas aspas), mas mantêm o traço da depuração.

Fabrício enviou dois poemas inéditos à IHU On-Line. “Os sinos” dialoga com a poesia de Manuel Bandeira, enquanto “Fôlego-fátuo” (expressão extraída de Waly Salomão) apresenta um aumento progressivo de versos, como se o sujeito pelo qual o poeta se expressa, pouco a pouco, fosse adquirindo mais respiração, em meio a um estado de vida crítico. O interessante, com isso, é que cada número do fragmento, no caso, corresponde ao número de versos.

OS SINOS

Nem bem a banda nova vai
E a velha guarda do samba vem

Nem bem estrelas desabam de Belém
Quanta maravilha por um triz chega de trem

Nem bem o sol soberano
Despeja o seu frescor recém

Nem bem soberana a lua
Frescor despeja também

Nem bem a cidade inteira dorme
Oferto o melhor que o dia tem

Nem bem você chega
Meu coração brilha e badala bem

Badala na balada e brilha além
Por você por mais ninguém

Nem bem... Meu bem...
Meu bem... Nem bem...

FÔLEGO-FÁTUO**1.**

Respiro por aparelhos

2.

O corpo em desacordo com o dia

Este é o meu tempo: não tenho palavras

3.

Respiro por empréstimo,

Ar alheio que se despede

Ainda úmido de sua respiração

4.

Respiro em mão única

Numa só direção

Idéias se vão

Por entre aléias

5.

Respiro por um triz:

O sol esplende diante do passado

aqui presente. Mas eu não sou o sol: em volta de mim

luzes se cansam de ser luzes

porém não oferecem outra condição de existência

6.

Respiro fora da raia, sem minha presença

E a festa começa

Amigos se reúnem

Uma casa se ergue

Sem minha presença

O passado ainda está por vir

7.

Respiro por sonhos,

Os sonhos adernam pra luz,

A luz resiste num fio,

O fio percorre a cidade,

A cidade não tem janelas

A cidade está morta,

A cidade está viva

8.

Respiro à margem, do lado de fora
onde tudo é a flama do incontido.
Respiro por precaução
Entre vizinhos que mal se conhecem
Lento entranhar-se entre estranhos.
Respiro em surdina, na cidade que se abre
E que se fecha, e a cidade morta
restaure a cidade viva; mãos acenam das janelas

9.

Respiro por fendas
Vou pela sombra das sombras
Entro nas brechas, nas fímbrias que alertam:
Aqui a alegria é quase um milagre
Ninguém distingue migalha de tesouro.
Respiro em falso, e mesmo sabendo
que te querendo eu ia ser feliz
Mesmo assim
Te quis

10.

Da casa da palavra à terra à vista
De chuva desabrida a sol a pino
Em cada nuvem em cada lenço
Em cada coisa da cidade, furiosa,
Respiro por aparelhos, dulçor sem-ar
e canto e danço e silencio – respiro
mesmo na falta de ar, tempos difíceis –
é só um arquejo
um sopro apenas
mas ainda respiro

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 21-10-2008 a 25-10-2008.

Eleições municipais em Natal e Salvador

Entrevista com Pedro Costa Guedes Vianna e Clóvis Luiz Pereira Oliveira

Confira nas Notícias do Dia 21-10-2008

Uma análise das eleições municipais de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e Salvador, na Bahia, é feita por dois especialistas.

O Pantanal, reserva da biosfera, ameaçado

Entrevista com Débora Calheiros

Confira nas Notícias do Dia 22-10-2008

Nesta entrevista, a pesquisadora revela que são vários os aspectos que ameaçam o Pantanal e, por isso, a taxa de desmatamento da região, na planície, já chega a 12% e, no planalto, chega a 80%.

“Para evitar novos danos no futuro, os mercados financeiros precisam ser regulamentados”

Entrevista com Thaiza Regina Bahry

Confira nas Notícias do Dia 23-10-2008

“Não creio que teremos uma depressão como a dos anos 1930. Teremos uma recessão mundial, talvez longa”, acredita a doutora em Desenvolvimento Econômico.

Situação do Presídio de Urso Branco/RO: uma afronta aos direitos humanos

Entrevista com Gustavo Dandolini

Confira nas Notícias do Dia 24-10-2008

Desde 2000, mais de cem presos do Presídio de Urso Branco, em Rondônia, foram vítimas de homicídio, o que levou órgãos de defesa dos direitos humanos a pedir a intervenção da instituição.

Rûmî: a mística reconhecida pela alta literatura

Entrevista especial com Faustino Teixeira

Confira nas Notícias do dia 25-10-2008

A obra *O Canto da Unidade – Em torno da poética de Rûmî*, do escritor Marco Lucchesi e do teólogo Faustino Teixeira, recebe, no próximo dia 31 de outubro, o Prêmio Mário Barata de melhor livro de crítica e interpretação de 2008, entregue pela a União Brasileira de Escritores.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 21-10-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 29-10-2008
<i>Instituto Humanitas Unisinos - IHU - 7 anos</i>
Os 7 anos da criação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU será celebrado com a inauguração do escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial. Um pronunciamento de Hans Küng será feito na ocasião. Também estará presente o Prof. Dr. Paulo Soethe, coordenador do PPG de Letras da Universidade Federal do Paraná – UFPR Horário: 17h30 Local: Sala 1G 119 Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 30-10-2008
<i>IHU Idéias</i>
Lutero: contribuições para a economia, a ética e a sociedade Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth – EST Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 03-11-2008
<i>EAD 2 – Espaço de Espiritualidade I – ABRIR OS OLHOS</i> Etapa 4: O olhar de Deus
Apresentação de Deus como criador e amante da vida, que se dá a conhecer através da natureza, dos animais, dos seres humanos, do universo. Como lidamos com a realidade do sofrimento pessoal e coletivo? Deus tem alguma palavra a nos dizer?
<ul style="list-style-type: none"> • A criação, sacramento de Deus: seus apelos e cuidados. • Sofrimento pessoal e coletivo. • Uma primeira aproximação ao Primeiro Testamento: Deus defensor da vida.

**PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS
DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU**

As contribuições de Lutero para a economia, a ética e a sociedade

Tema será discutido na próxima edição do evento IHU Idéias

POR BRUNA QUADROS

No dia 30 de outubro, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU debaterá as contribuições de Martinho Lutero para a economia, a ética e a sociedade. O debate será coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth que, na última semana, conversou, por e-mail, com a revista IHU On-Line. Ele afirmou que o método seguido por Lutero para formular um juízo ético na perspectiva da ética cristã acerca de questões econômicas pode servir de inspiração. “Lutero contrapõe as práticas econômicas e suas motivações ao mandamento de Cristo. Nesse ponto, não oferece receitas prontas, mas desafia as pessoas envolvidas a formularem juízos éticos que correspondam ao direito vigente e, além disso, sejam coerentes com a fé que dizem professar.” O professor destacou, também, que do ponto de vista teológico, um impulso importante de Lutero para os tempos que o sucederam foi a relativização do papel de instâncias intermediadoras de salvação.

Ricardo Willy Rieth possui graduação em Ciências Sociais, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduação em Teologia, pelo Seminário Concórdia/IELB, de Porto Alegre, doutorado em História da Igreja (Kirchengeschichte), pelo Instituto de História da Baixa Idade Média e da Reforma da Universidade de Leipzig, Alemanha, e pós-doutorado pela mesma instituição. Atualmente, é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. É, também, professor adjunto na Ulbra, em Canoas, nos Cursos de Teologia, História-Licenciatura e Ciências Sociais.

IHU On-Line - Quais as contribuições de Lutero¹ para a ética, economia e a sociedade?

Ricardo Willy Rieth - A primeira contribuição reside no fato de Lutero, como teólogo e pessoa comprometida com o evangelho, ter se ocupado com o assunto. Muita gente na história da Igreja e da teologia cristã não considerou ou considera as questões econômicas merecedoras de atenção. Lutero,

¹ Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. (Nota da IHU On-Line)

com freqüência, era procurado e consultado sobre os mais diferentes temas por pessoas que tinham suas consciências pesadas em razão de práticas delas exigidas no cotidiano. Foi o caso de muitos comerciantes e de gente envolvida com o sistema de crédito no pré-capitalismo há cerca de meio milênio. Lutero então, sem renunciar à sua vocação de teólogo, mas assumindo-a efetivamente, tentava ajudar as pessoas dentro de suas possibilidades. Sua reflexão ética tinha a Bíblia como referência fundamental. Ao mesmo tempo, levava em consideração as tradições antigas e medievais do pensamento cristão a respeito. Digno de destaque, contudo, é o esforço que

empregou para entender a realidade do trabalho, dos negócios, e identificar as intenções e conseqüências das práticas aí reinantes.

IHU On-Line - Em seus estudos, o senhor afirma que o pensamento de Lutero acerca da economia e ética pode trazer inspirações a quem pretende ocupar-se do assunto. Que inspirações seriam estas?

Ricardo Willy Rieth - Não podemos simplesmente transpor os juízos de Lutero ao nosso tempo, isso é certo. Nosso contexto histórico é completamente diferente daquele em que ele viveu. No entanto, penso que o método por ele seguido para formular um

juízo ético na perspectiva da ética cristã acerca de questões econômicas pode servir de inspiração. Este método compreendia três passos básicos. Em primeiro lugar, Lutero tentava analisar cuidadosamente a respectiva situação ou transação econômica, recorrendo muitas vezes à supervisão de especialistas no comércio, no sistema de crédito e na administração pública. Assim, legou-nos escritos onde identifica e descreve em detalhes práticas como: preferência por vendas a crédito e de agiotagem, formação especulativa de estoques (monopsônio e monopólio), *dumping*, corretagem, abusos na fixação de preços, formação de cartel, deságio, falência fraudulenta, empréstimos a juros fixos com risco exclusivamente para o empreendedor, comércio fraudulento e outras mais. Em um segundo passo, Lutero busca afirmações do evangelho sobre o modo de lidar com os recursos materiais. Não se constrange em confrontar as pessoas com a radicalidade das exigências éticas feitas por Jesus no sermão da montanha, por exemplo. Finalmente, Lutero contrapõe as práticas econômicas e suas motivações ao mandamento de Cristo. Nesse ponto, não oferece receitas prontas, mas desafia as pessoas envolvidas a formularem juízos éticos que correspondam ao direito vigente e, além disso, sejam coerentes com a fé que dizem professar.

IHU On-Line - Qual a importância de Lutero em relação à tradução da Bíblia?

Ricardo Willy Rieth - Muito cedo, Lutero passou a defender que a Bíblia deveria ser a principal autoridade nas questões que envolvem a teologia e a vida na igreja. Isso teve fortes consequências no campo político. Muitos postulavam que a interpretação da Bíblia deveria ser exclusiva de algumas instituições apenas e que o povo simples se confundiria ao estudá-la sem a intermediação destas instituições. Daí também o *status* elevado atribuído à Bíblia latina, incompreensível para quem não era do meio acadêmico. Lutero discordou disso e julgou urgente disponibilizar a Bíblia em língua popular, ou seja, o alemão. Seu trabalho veio a público a partir de 1522, com a

“O ensino da justificação por graça e fé tem um inegável componente ético”

tradução do Novo Testamento diretamente do grego, e prosseguiu com a tradução do Antigo Testamento do hebraico e do aramaico. A primeira edição da Bíblia completa saiu em 1534. Lutero considerava que uma língua se transforma permanentemente, como a cultura na qual está inserida. Também achava que a tarefa de tradução precisa ser coletiva. Por isso, sempre trabalhou em equipe, traduzindo e revisando o texto bíblico até a sua morte, em 1546. Especialistas em língua e literatura atribuem um lugar central à tradução de Lutero no que tange à padronização do alemão escrito em meio aos múltiplos dialetos germânicos de seu tempo.

IHU On-Line - Quais as mudanças mais significativas que ocorreram no cristianismo, a partir da postura protestante de Martinho Lutero?

Ricardo Willy Rieth - A palavra “protestante” vem de “protestação”, que era um requerimento formal dirigido por príncipes dos vários territórios ao imperador por ocasião das assembleias do Sacro Império Romano Germânico. Em 1529, príncipes de territórios ligados ao movimento evangélico protocolaram uma “protestação” pelas ingerências do império em seus assuntos internos, com destaque para a questão religiosa. Pessoalmente, não concordo com leituras historiográficas que consideram uma pessoa isolada capaz de mudar os rumos da história pelo que fez, disse ou escreveu. O “evento” Lutero seria impossível sem fatores decisivos de seu contexto histórico. O avanço técnico na imprensa, a intensa participação de pregadores populares, os diversos movimentos sociais e an-

ticlericais, a configuração de estados nacionais e o surgimento de formas pré-absolutistas de governo na contração do universalismo medieval, apenas para citar alguns desses fatores, precisam ser necessariamente considerados. Do ponto de vista teológico, um impulso importante de Lutero para os tempos que o sucederam foi a relativização do papel de instâncias intermediadoras de salvação. A pessoa crente é confrontada diretamente com Deus e sua palavra, sendo esta palavra simultaneamente de juízo e graça. Também a noção de que a pessoa para nada contribui com sua própria salvação a desafia a tirar seus olhos de um Deus nas alturas e da vida eterna e a dirigi-los às pessoas próximas, à profundidade da realidade que a cerca e à vida cotidiana, lugar primordial onde se revela o Deus encarnado. O ensino da justificação por graça e fé tem um inegável componente ético.

IHU On-Line - O que esta reforma representou para os seguidores do cristianismo?

Ricardo Willy Rieth - Posteriormente à Reforma, pessoas, famílias, grupos, políticos e estados tiveram necessariamente que posicionar-se em relação ao movimento. Tais posicionamentos variaram desde aqueles frontalmente contra ou decididamente a favor, passando pelos que parcialmente se abriram a impulsos da Reforma. É inegável que o cristianismo ocidental transformou-se profundamente a partir daí. Na chamada era confessional, a Europa e o mundo sujeitados a seu colonialismo dividiram-se em católico-romanos, luteranos, calvinistas, anglicanos, anabatistas e outros mais. O argumento religioso foi habilmente usado por aristocracias interessadas em consolidar formas absolutistas de poder, manipular o clero em seu benefício, a fim de controlar o povo e incorporar seu próprio patrimônio os bens eclesiásticos. Por outro lado, é certo também que muitas pessoas tiveram suas vidas transformadas e plenas de sentido com a pregação evangélica. A Reforma, como outros movimentos anteriores e posteriores na história do cristianismo, reivindicou uma forte autocrítica no que diz respeito ao com-

“A Reforma, como outros movimentos anteriores e posteriores na história do cristianismo, reivindicou uma forte autocrítica no que diz respeito ao compromisso pessoal e institucional com as bases da fé cristã”

promisso pessoal e institucional com as bases da fé cristã. Nesse sentido, teve conseqüências tanto para seus adeptos como para seus opositores.

IHU On-Line - Qual o reflexo da Reforma Protestante para a economia dos países onde o culto ao cristianismo é mais intenso? No Brasil, em particular, de que maneira a Reforma repercutiu, economicamente?

Ricardo Willy Rieth - Não podemos explicar mudanças econômicas exclusivamente pelo aspecto religioso, mas sou da opinião de que ele é, sim, um dos fatores de incidência. Uma tese clássica, que foi e segue sendo muito debatida, é a de Max Weber,² que procura relacionar de algum modo o que ele chama de “a ética protestante” e “o espírito do capitalismo”. Para Weber, teria sido marcante e de grande repercussão o modo como Lutero reinterpretou o conceito de “vocação/profissão”, transportando o do ambiente religioso, em especial monástico, e vinculando-o ao âmbito secular e cotidiano do trabalho, das relações sociais e políticas. O culto divino e o sacerdócio das pessoas leigas nas atividades cotidianas seriam tão

2 Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Cem anos depois*, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. Sobre Weber, o IHU publicou os *CADERNOS IHU em formação* nº 3, de 2005, chamado *Max Weber – O espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

relevantes perante Deus como a atividade contemplativa de religiosos e clérigos nos ambientes eclesiais. Também a compreensão acerca da predestinação pela segunda geração de calvinistas, que associava o sucesso na vida econômica à eleição divina, teria segundo Weber contribuído como um dos vários ingredientes formadores do que denominou de “espírito do capitalismo”. No Brasil, a Reforma começa a incidir diretamente apenas a partir do século XIX. Ela veio com imigrantes europeus, o que é muito presente no Sul do país, e com missionários norte-americanos e ingleses, que desenvolveram práticas proselitistas. Políticos liberais na época do Império, que defendiam sua entrada no país, julgavam que contribuiriam decisivamente para a modernização da sociedade e das instituições. Faziam-no por associarem a modernidade e o capitalismo ao protestantismo, observando o exemplo dos países economicamente mais influentes, como a Inglaterra e os Estados Unidos. Por certo, o *ethos* desses protestantes teve e tem suas incidências sobre a economia nos contextos em que estão inseridos. Os pentecostais, por exemplo, que não deixam de ser herdeiros da Reforma, têm moldado de forma consistente o mercado de trabalho no Brasil. Ainda com relação ao mercado de trabalho, são inúmeros os estudos sociológicos e econômicos relacionando o analfabetismo funcional e a baixa escolaridade com o desemprego. Nesse sentido, o aporte histórico dos protestantes com suas escolas, colégios e universidades, pode ser objeto de análise quanto a seu impacto na economia e na sociedade desde meados do século XIX.

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

Perfil Popular

Danilo Caetano

POR BRUNA QUADROS

O Perfil Popular desta semana é Danilo Caetano, 55 anos, que integra o grupo Artecouro, em São Leopoldo, o qual trabalha nos princípios da Economia Solidária. Com apenas um ano de vida, Danilo perdeu o pai. Foi com a sua mãe, pessoa pela qual ele demonstra muito carinho durante a entrevista, que ele aprendeu a ser honesto e a respeitar as pessoas. Hoje, seu maior sonho é ver sua empresa de artefatos em couro, novamente, em atividade. Confira, a seguir, a história de vida de Danilo:

“Fui criado sem pai. Quando eu estava com um ano de idade, ele faleceu. Enfrentei grande dificuldade, desde a minha infância para sobreviver.” Assim, Danilo Caetano, natural de São Leopoldo, começa a contar sua trajetória de vida para a revista IHU On-Line. Ele conta que seu pai era soldador na empresa Amadeo Rossi, em São Leopoldo, fabricante de armamentos. Sua mãe, também já falecida, trabalhou na indústria de borracha, durante 32 anos. Foi com esta profissão que ela criou os quatro filhos – três do primeiro casamento e um do segundo, sozinha e com dificuldades.

Desde que nasceu, Danilo mora no bairro Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Ele recorda que, antigamente, era muito bom ser jovem. “Hoje, as dificuldades são maiores. Mas tive uma boa infância, dentro das condições que eu tinha.” Apesar de ter ficado viúva aos 26 anos e ter os filhos para criar, a mãe foi e ainda é uma grande referência para Danilo. “Ela conseguiu dar um exemplo de honestidade, além de nos passar o valor do convívio com respeito e do trabalho.”

Danilo conta que nunca foi reprovado na escola. No entanto, após concluir o Segundo Grau como técnico em Administração de Empresas, parou de estudar porque se casou, aos 21 anos. “Sou separado e tenho cinco filhos. Deixei de seguir meus estudos para ter a minha família. Não prosperei em crescimento e atividade, nem fiquei

“Procuro primeiro aprender para depois ensinar. Só mandar não fortalece o ser humano”

bem financeiramente, mas, sim, comigo mesmo. Sinto-me realizado. Meus filhos não poderiam ser melhores, porque nenhum deles é motivo de vergonha para mim. Sou feliz por isso.”

Na trajetória profissional, Danilo conta que teve vários empregos e, durante muitos anos, trabalhou na mesma empresa por onde seu pai também passou, a Amadeo Rossi. “Por último, eu tinha uma empresa de pequeno porte, segmentada em calçados e artefatos em couro. No momento, ela está inativa.” Atualmente, Danilo trabalha com artesanatos em couro, no grupo Artecouro criado em 2005. “Ainda faço calçados e bolsas, porém, sem funcionários. Meu grande objetivo é montar uma firma que funcione no sistema de auto-gestão, com pessoas que trabalhem buscando, além do seu fortalecimento, o benefício de todos.” Com o trabalho, Danilo já esteve fora de São Leopoldo, em algumas oportunidades. “Quando me separei, fui



GREYCE VARGAS

tentar a vida no Mato Grosso. Fiquei lá por 30 dias, porque o mercado não era viável. Ao retornar, fui morar em Cruz Alta, no interior do Estado. Desta vez, sim, levei a indústria para lá, onde fiquei por dois anos. Achei que lá daria certo, mas não foi o caso.”

Com a falta de oportunidades em outras cidades, Danilo retornou para São Leopoldo. “Só tive custos e, ao invés de crescer, estabilizei.” No entanto, ele avalia que a experiência foi positiva. “Talvez, se eu não tivesse ido para fora de São Leopoldo, eu não teria tido essa vivência, mesmo que não tenha tido retorno positivo.” Agora, o maior sonho de Danilo é transformar a sua firma inativa em uma empresa próspera. Ele acredita que ainda tem muito “combustível” para tocar o trabalho. “Procuro primeiro aprender para depois ensinar. Só mandar não fortalece o ser humano.” Para se fortalecer, Danilo tem fé em Deus. No entanto, não segue doutrinas. “Ao invés de pedir para um padre orar por mim, eu mesmo faço.”

Petista, Danilo acredita no governo Lula. “Mesmo vendo os erros e acertos, não sou fanático.” Ele acredita que, na Economia Solidária, há uma série de oportunidades que outras pessoas não têm. “Fico me analisando e vejo que não tenho nada, mas quem realmente não tem nada deveria ser chamado de mágico, porque transforma o zero em um ou dois.”